

1435

REVISTA DO MINHO

DEDICADA AO ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

Collaborada por todos os folk-loristas portuguezes e estrangeiros

Director: José da Silva Vieira

XIX ANNO

PUBLICAÇÃO QUINZENAAL

EDITOR — MANUEL BOAVISTINHO

Comp. e impressão, Typ. Espozendense — Espozende

Redac. e adm. — Livraria Espozendense



ESPOZENDE

EMPRESA DA "REVISTA DO MINHO," EDITORA

1911

OBRAS FOLK-LORICAS

Revista do Minho, para o estudo das tradições populares.

(Annos publicdos):

- I anno (1885-1886), preço 600 reis.
 II anno, 86-87, (9 n.^{os}) 225 rs. (esg).
 III anno, 87-88 (10 n.) 350 rs. (esg).
 IV anno, 88-89. (12 n.), 300 rs. (esg).
 V anno, 89-90 (12 n.) 460 rs. (esg).
 VI anno, 90-91 (18 n.), 500 rs. (esg.).
 VII anno, 91-92 (24 n.) 500 rs. (esg).
 VIII anno, 92-93 (25 n.) 500 rs. (esg).
 IX anno, 93-94 (29 n. e um appendice), 1:000 reis (esgotado).
 X anno, (19 n.) 1:000 reis.
 XI anno, (27 n.) 1:000 reis (esgot).
 XII anno (15 n.) 1:000 reis.
 XIII anno, (17 n.) 1:000 reis.
 XIV anno, 1:000 reis.
 XV anno, (30 n.) 1:000 reis.
 XVI anno (24 n.) 1:000 reis.
 XVII anno, 400 reis.
 XVIII anno, 600 reis
 XIX anno, 700 reis.
 XX anno em publicação.

Ramalhete de Canções populares colhidas no concelho d'Espozende. Preço 60 reis

Bibliotheca Folk-lorica Portugueza, I volume publicado, «Materiaes para a historia das tradições populares do concelho d'Espozende». Preço 200 reis (esgotado). A reimprimir.

Collecção Silva Vieira: 1.^o volume (contém 10 volumes a saber):

As Brotas, Linguagem Infantil, Poesia Popular Alentejana, por Soeiro de Brito.—*Folk-lore e dialectologia de Espozende*, (noticia bibliographica), por Armando da Silva.—*Astronomia e meteorologia popular alentejana*, por Soeiro de Brito.—*A Opala*, por M. M.—*Tradições Maritimas*, por Candido A. Landolt.—*A dança em Portugal*, por

Alberto Pimentel.—*Duas leis*, documentos antigos.—*Subsidios para o estudo do Folk-lore Infantil Portuguez*, por Candido A. Landolt. Preço 1:000.

II vol. *Ensaios Ethnographicos*, I vol. de 374 pag. por J. Leite de Vasconcellos. (2.^a edição) em bom papel. Reimpressa a 2.^a. Preço 1:000 reis.

Vol. III, II dos *Ensaios*, do mesmo auctor, preço 600 reis.

Vol. IV, (III dos *Ensaios*), pelo mesmo auctor, preço 700 reis, edição de Lisboa. (A' venda aqui)

Vol. V, (IV, dos *Ensaios*, pelo mesmo auctor, edição da *Livraria Classica* preço 800 reis. (A' venda aqui).

Outras obras publicadas:

Onomastico popular de Espozende, recolhidas por J. da Silva Vieira, edição de 1897—folheto de 16 paginas. Preço 100 reis.

Setecentas Comparações Alentejanas, por Antonio Thomaz Pires, preço 300 reis

—*O Folk-lore*, folheto, por Theophilo Braga 100

—*O que é e para que serve o folk-lore*, opiniões de diversos folkloristas. 100 reis

—*Folk-lore Lanhosense*, por. Albino Bastos. 300 reis

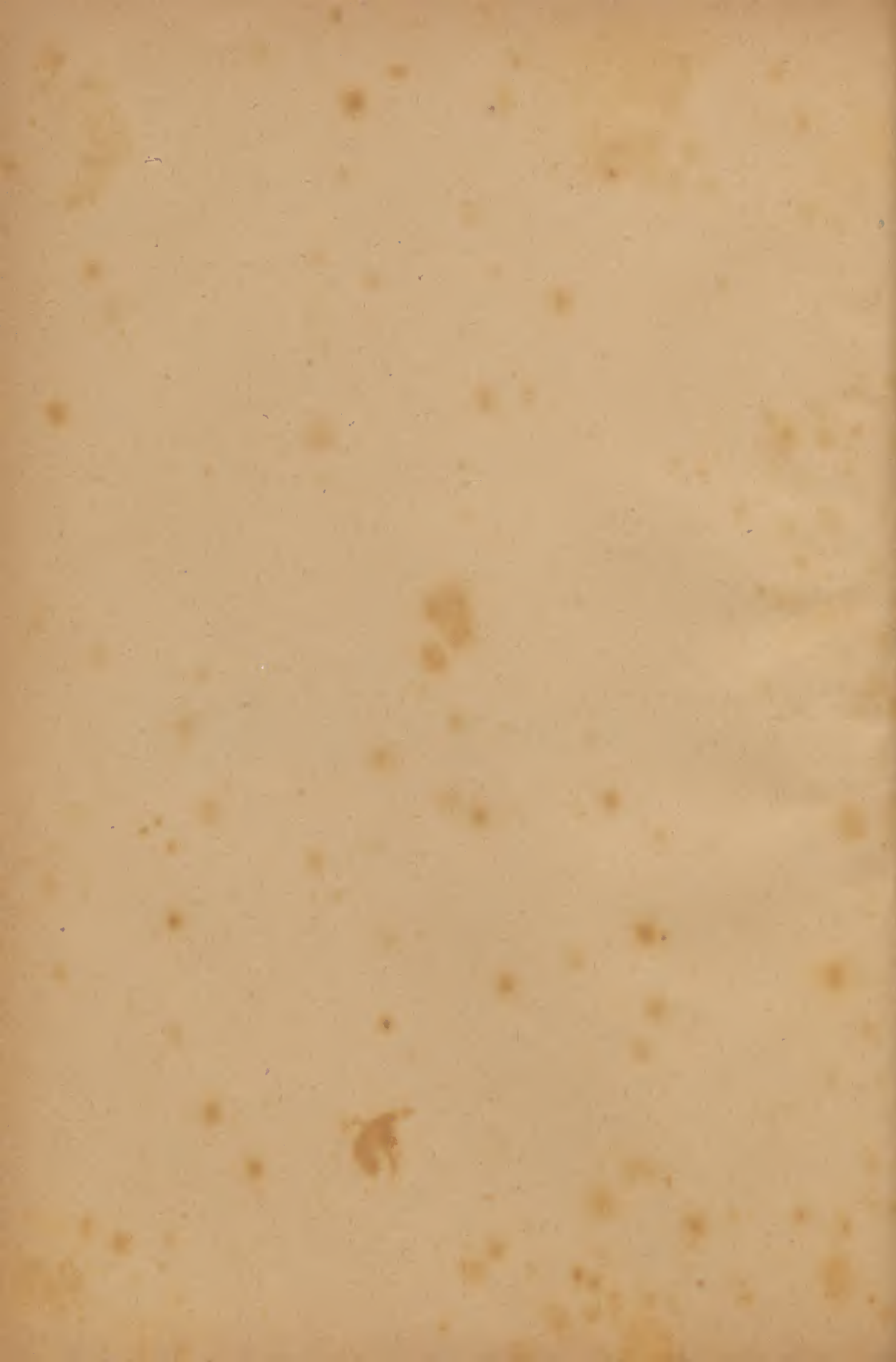
—*Tradições populares da provincia do Douro*, por João Vieira d'Andrade 300 reis

—*Folk-lore Vimaranesense*, por D. Leite de Castro. 200 reis

—*Demosophia*, por Soeiro de Brito. 300 reis

—*Folk-lore da Figueira*, por M. Cardoso Martha e Augusto Pinto, I vol de perto de 300 paginas, 500 rs.

REVISTA DO MINHO



REVISTA DO MINHO

DEDICADA AO ESTUDO DAS TRADIÇÕES POPULARES

Collaborada por todos os folk-loristas portuguezes e estrangeiros

Director: José da Silva Vieira

XIX ANNO

PUBLICAÇÃO QUINZENAL

EDITOR—MANOEL BOAVENTURA

Comp. e impressão, Typ. Espozendense—Espozende

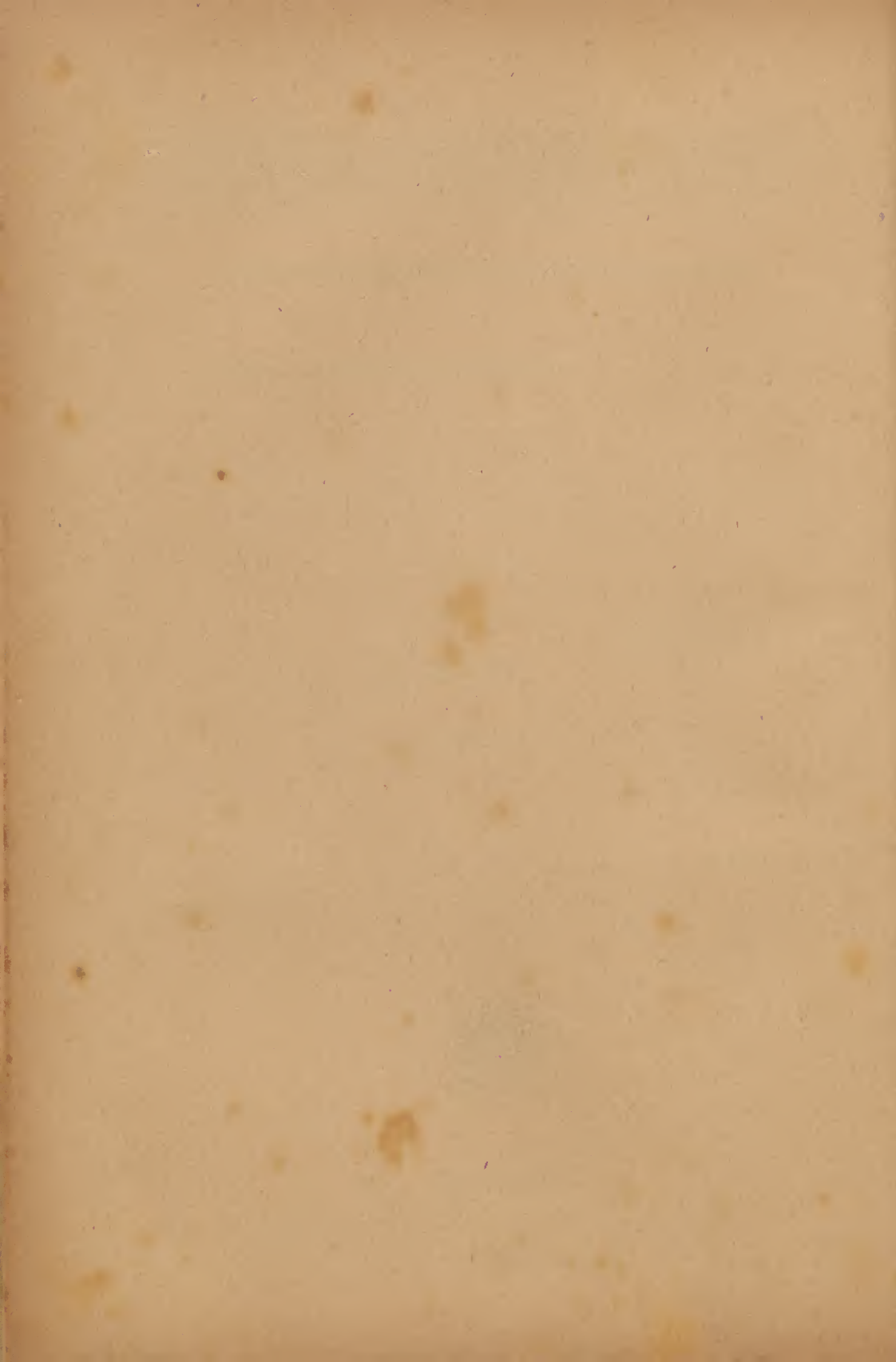
Redac. e adm.—Livreria Espozendense



ESPOZENDE

EMPRESA DA "REVISTA DO MINHO,"--EDITORA

1911





ABERTURA



A 26 annos precisos que na formosa villa de Barcellos encetamos a publicação d'esta revista, que hoje trazemos

novamente a lume.

O esforço persistente, e a tenacidade por nós dispendida no cumprimento do programma que então traçamos, julgamos estarem manifestamente patenteados n'esses 18 volumes publicados durante tão largo periodo de tempo.

Elles ahi estão attestando um facto raro no nosso paiz, o que seria incentivo sufficiente para termos continuado tão util iniciativa, se ha alguns annos, motivos extranhos á nossa vontade, nos não tivessem impedido d'isso.

Hoje, esperançados no mesmo amavel acolhimento e no interesse sempre crescente que a ethnographia vem merecendo aos cultores da lingua patria, nós vimos outro-sim satisfazer d'esta forma ao imperioso amor que sempre tivemos por assumptos d'esta natureza.

E' por isso que reatando o cyclo forçadamente interrompido desta modesta publicação nós diremos em resumo o que escreveramos:

« Está tão bem demonstrada a importancia que as tradições populares tem para o conhecimento da vida social das nações, e ha ainda tantos materiaes a recolher no nosso paiz, que julgamos será bem recebida do publico mais uma publicação que não só constituirá um centro de estudos, mas ao mesmo tempo se esforçará por augmentar o peculio dos factos ethnographicos.

Com o titulo *Revista do Minho* quer-se apenas mostrar que a iniciativa partiu do Minho, e não que nos occuparemos exclusivamente d'esta provincia, pois, como já no presente numero mostramos, muitos assumptos, sem sahirem fóra do dominio especial do que os inglezes chamam *Folk-Lore*, tem cabimento na nossa revista.

Aos ethnographos portuguezes e estrangeiros pedimos a sua ajuda e os seus conselhos: ferve em nós o sangue da mocidade, as aspirações mais vivas nos seduzem, e é por isso que, livres de preconceitos e de rancores, acceitaremos com prazer as lições dos mestres! »

Espozende, 1 de Abril de 1911

A Direcção.



O GALLEGO E O POÇO

Um gallego viu, certo dia, á beira dum poço, uma imagem de Santo Antonio, e sabendo que elle era muito milagrosa, pediu lhe d'esse immediatamente tres peças de oiro para regressar a sua terra; mas o santo não esteve pelos autos; quer dizer, não lhe fez o milagre. O gallego, depois de muito pedir ao santo exasperou-se tanto e tanto, que o lançou ao poço sem mais aquellas. O santo ao cair n'agua fel-a saltar á cara do gallego, que admiradissimo do facto, e persuadido de ser um desforço do santo, exclamou:

— Ah! fradinho dos dianhos!
Ainda refunfinegas! »

A. P.

CANCIONEIRO MINHOTO

(Continuado do Vol. XI, col. 96)

705

Já que me acho no terreiro,
Vou principiara cantar.
Barcellos é uma rosa,
Hei-de mandal-a dourar.

706

O' Barcellos, ó Barcellos,
De pequenino tens graça;
Tens um rio de permeio,
Dás de beber a quem passa.

707

O' Barcellos, ó Barcellos,
O teu nome é nomeado,
Tens um barquinho no rio,
Só te falta o criado.

708

Adeus villa de Barcellos,
Que te não torno a vêr,
Foi os pagos que me deram
Por ir á fonte beber.

709

Adeus, ó rua Direita,
Cá de baixo até lá cima,
Onde mora o meu amor...
A Therezinha do Clima.

710

Adeus, ó rua Direita,
Direita no appellido,
Mora ahi o meu amor
Nunca me saes do sentido.

711

A rua Nova é um cravo,
S. José é um jardim,
Vou á rua das Capellas
P'ra vêr o Senhor do Bomfim.

712

Adeus arêal do rio,
Adeus arêas brilhantes,

Adeus campo de Sant'Anna
Passeio dos estudantes.

713

Adeus Senhora da Ponte,
Adeus largo do jardim,
Quando te fores embora
Nunca te esqueças de mim.

714

Adeus arêal do rio,
Adeus quinta de Vessadas,
Adeus raparigas todas
Minhas fallas já passadas.

715

Adeus praça de Barcellos,
Onde passeia meu bem;
Adeus ó campo da feira,
Não te lembras de ninguém.

(Continúa)

SILVA VIEIRA

NOVELLAS POPULARES MINKOTAS

I

O REI SARDÃO

Uma vez era um rei, que tinha uma camisa da côr da pelle de sardão. Um dia casou-se, e a rainha, que não queria vel-o com aquella camisa, despiu-lh'a quando se achava na cama, metteu-a no forno e queimou-a.

Ao dar pela falta da sua camisa o rei Sardão sahiu da cama e fugiu, desesperado com o mau proceder da mulher.

Encontrou um palacio muito rico e pediu hospedagem n'elle. A rainha sahiu em procura d'elle a fiar n'uma roca de oiro, e encontrando o tal palacio e sabendo que o rei Sardão estava ali hospedado, pôz-se

a fiar em frente de uma das varandas. Uma aia que estava penteando uma das princezas e que viu aquella mulher a fiar, disse-lhe:

—O' princeza, que linda róca para aquelle dia!

—Vae-lhe dizer se t'a vende.

—Vende-me essa róca mulhersinha?

Não a vendo, minha senhora; dou-a se me concederem a honra de dormir esta noite debaixo da cama do rei Sardão, que está n'esse palacio.

A aia foi dizel-o immediatamente á princeza, que a mandou entrar.

A' noite deitaram dormideiras na comida servida ao rei Sardão, que seguidamente se recolheu aos seus aposentos e adormeceu n'um somno pesado. Então a mulher da róca d'oiro, que era a sua, metteu-se debaixo da cama, dizendo muitas vezes em alta voz:

—Rei Sardão, lembra-te da rainha D. Leonor que de tres peças d'oiro que tinha só tem duas...

Mas o rei não ouviu.

No dia seguinte D. Leonor retirou-se e veio de novo postar-se em frente do palacio e pôz-se a fazer meadas no seu sarilho d'oiro.

A aia que estava penteando a princeza a uma das varandas, disse-lhe:

—O' princeza, que lindo sarilho para aquelle dia!

—Vae-lhe dizer se t'o vende.

—Vende-me esse sarilho mulhersinha?

—Não o vendo minha senhora; dou-o se me concederem licença de dormir mais esta noite debaixo da cama do rei Sardão, que está n'esse palacio.

A aia foi outra vez dizel-o á

princeza que logo a mandou entrar.

Como na primeira noite, deitaram dormideiras na comida do rei Sardão que logo se recolheu aos seus aposentos e adormeceu n'um somno muito pesado. E a mulher do sarilho d'oiro, que era D. Leonor, metteu-se outra vez debaixo da cama, bradando muitas vezes em alta voz:

—Rei Sardão, lembra-te da rainha D. Leonor que de tres peças d'oiro que tinha só tem uma. . .

Mas o rei, como na primeira noite, não ouviu.

Tornou D. Leonor a retirar-se, voltando pela terceira vez a postarse em frente do palacio, dobando meadas na sua dobadoira d'oiro.

A aia que estava, como nos outros dias, penteando a princeza, disse-lhe:

—O' princeza que linda dobadoira para aquelle dial. . .

—Vae-lhe dizer se t'a vende.

—Vende-me essa dobadoira mulhersinha?

—Não a vendo, minha senhora; dou-a se me derem licença de dormir só mais esta noite debaixo da cama do rei Sardão, que mora n'esse palacio.

Então a aia foi mais uma vez dizel-o á princeza, que prromptamente a mandou entrar.

Fizeram o mesmo que nas outras duas noites, servindo-se das dormideiras para fazer adormecer o rei Sardão, mas a desconfiança levou-o a não tomar alimento algum e recolheu-se aos aposentos.

D. Leonor metteu-se debaixo da cama, como nas outras noites, repetindo:

—Rei Sardão, lembra-te da rainha D. Leonor que de tres peças

d'oiro que tinha não tem nenhuma.

O rei Sardão ouviu aquella voz, mas não quiz responder, E D. Leonor retirou para nunca mais tornar a apparecer diante do palacio, á hora em que uma aia penteava os loiros cabellos da princeza.

Passados alguns dias faziam-se no palacio todos os preparativos para festejar o casamento da formosa princeza com o rei Sardão. Fez-se o casamento, e quando no fim do lauto jantar todos os convidados palestravam alegremente, disse o rei Sardão:

—Senhores! Eu tinha uma chave e perdi-a; mandei fazer uma nova, mas agora achei a velha. De qual me hei-de utilizar, da nova ou da velha?

—Da velha,—bradaram todos.

—Pois então a minha verdadeira mulher é a primeira.

E retirou-se do palacio com muito espanto de todos, para a elle nunca mais voltar.

(Recolhido da tradição oral).

Esposende. ALVARO PINHEIRO.



CANTAR ANTES D'ALMOÇO

Julgam muitos no Minho que assim se chama a morte, outros a doudiçe, e por isso dizem uns:

Quem canta antes d'almoço, não chega ao sol posto.

Outros: *Quem canta antes de almoçar, ou é tolo ou quer casar.*

Muita vez se combinam as duas cousas.



Bôcca de mel, coração de fel.



MODAS E MODINHAS

A) Baile e jojos de roda (1)

I

A Amorosa

Já não quero mais laranjas
Do pomar de D. Rosa,
Que ella apanhou-me lá dentro,
Fez-me dançar a *Amorosa*.

A *Amorosa* foi ao campo,
Levar o pão aos pastores,
Deu o vento na *Amorosa*,
Toda se cobriu de flores.

A *Amorosa* foi ao campo,
Levar o pão aos ceifeiros,
Deu o vento na *Amorosa*,
Foi ter á villa de Veiros.

(Alemtejo)

II

Ai laços! ai fitas!

O' meu lindo amor,
O que ha de ser, seja,
Casamento justo,
Papeis na igreja.

Ai laços! ai fitas!
Morrer, acabar,
P'las moças bonitas.
Ai fitas! ai laços!
Morrer, acabar,
Menina, em teus braços.

Ai fitas! ai flores!
Morrer, acabar,
Pelos meus amores.
Ai flores! ai fitas!
Morrer, acabar,
P'las moças bonitas.

(Alemtejo)

III

Ai que lindos amores!

No meio da praça nova
Uma velha apregoou:
Quem quer comprar, que eu vendo,
A moda do *Rei-chegon*

Ai que lindos
Amores que eu tenho!
Faça a cama
Que eu já venho.

(Alemtejo)

IV

A mim não me enganas tu

O meu amor é estudante,
Quintanista em direito,
Quando vai para a aula
Parece um amor-perfeito.

A mim não me enganas tu,
A panella ao lume,
E o arroz 'tá cru;
Se está cru, deixa-o coser,
Que eu tenho fome
Quero-o comer.

(Tras-os-Montes)

V

Anda cá meu amorsinho

O' velludo, ó velludo,
O' velludo encarnado,
Por causa de ti, velludo,
Não falo ao meu namorado.

O' velludo, ó velludo,
O' velludo amarelo,

(1) As *Modas e Modinhas* da provincia de *Tras-os-Montes*, precedem de Carrizada de *Anciães*, onde foram recolhidas, a pedido meu, pelo ex.^mo snr. general Manoel Antonio de Araujo; as das outras provincias foram por mim recolhidas, procedendo, todas as do *Alemtejo*, da cidade de *Elvas*; as do *Minho*, das serras do *Gerez*; as do *Douro*, da praia de *Espinho*; e as da *Extremadura*, da villa das *Caldas da Rainha*.

Por causa de ti, velludo,
Não vejo a quem eu quero.

O' velludo, ó velludo,
O' velludo vermelhinho,
Por causa de ti velludo,
Não falo ao meu bemzinho.
Anda cá, meu amorsinho,
Que estás das bandas d'alem,
Anda cá para meu braços,
Que te quero tanto bem.
Ora adeus, adeus,
Adeus, que me vou
Sen ti não sou nada,
Sem ti nada sou.

(Tras-os-Montes)

VI

N' porta fiz um cigarro

Eu já fui a Olivença,
Tres dias andei a pê:
Amor, faz a diligencia,
Que a falta por mim não é.
A' porta fiz um cigarro,
A' porta o embrulhei,
A' porta vi os teus olhos,
A' porta os namorei.

(Alemtejo)

VII

Aqui se dança, aqui se baila

Este meu cantar de agora
Já não é como tem sido;
Não sou panno da Bahia,
Que tenha o luxo perdido.
Aqui se canta, aqui se baila,
Aqui se marca o *balancé*,
Eu conheço o meu amor
Pelo pôr do *cachiné*;
Pelo pôr do *cachiné*,
Pelo nó da gravatinha,
Aqui se canta, aqui se baila,
Aqui se joga a laranjinha.

(Alemtejo)

(Continúa)

A. THOMAZ PIRES.

BAILE DAS PINGAS

Na freguesia de Amiaes, concelho de Santarém, ha o costume de todos os annos, no domingo da Sexagesima, se festejar com a maxima pompa a imagem de S. Sebastião.

Na 3.^a feira seguinte, depois dos mesarios haverem feito o peditorio da carne, cujo producto vae fazer face ás despesas da festa seguinte, e durante a maior parte da noite, em casa do juiz ha um baile a que assistem muitos moços e suas namoradas.

Durante o baile, um dos empregados com uma medida de 5 litros n'uma mão e um copo de 3 decilitros n'outra vae dando a cada moço um copo de vinho e um outro (o escrivão) n'uma folha de papel com um lapis assenta o nome do rapaz e 20 réis para a festa, verba que se recebe no domingo magro seguinte.

As moças que querem utilizar-se do copo tambem se lhes assenta o nome e ás que não querem dão-lhes uma laranja, uma nós ou outra qualquer coisa.

No dia da festa pessoa alguma, cassada, solteira ou viuva se nega a satisfazer a divida do baile da pinga.

Cada terra com seu uso...

A. de J. e Silva

NOVELLAS POPULARES MINHOTAS

II

A FORMIGA



Era uma vez uma formiga muito diligente, que ia para o moinho com um sacco de milho ás costas. No caminho prendeu-se-lhe um pé na néve. Voltou-se para o sol e disse-lhe:

—O' sol, tão forte és que não derretes a neve que o meu pé prende?

—Tão forte sou eu que a parede me encobre.

Volta-se a formiga para a parede:

—O' parede, tão forte és que encobres o sol que não derrete a neve que o meu pé prende?

—Tão forte sou eu que o rato me fura.

Volta-se a formiga para o rato:

—O' rato, tão forte és que furas a parede que encobre o sol que não derrete a neve que o meu pé prende?

—Tão forte sou eu que o gato me mata.

Volta-se a formiga para o gato:

—O' gato, tão forte és que matas o rato que fura a parede que encobre o sol que não derrete a neve que o meu pé prende?

—Tão forte sou eu que o cão me morde.

Volta-se a formiga para o cão:

O' cão, tão forte és que mordes o gato que mata o rato que fura a parede que encobre o sol que não derrete a neve que o meu pé prende?

—Tão forte sou eu que o pau

me bate.

Volta-se a formiga para o pau:

—O' pau, tão forte és que bates no cão que morde o gato que mata o rato que fura a parede que encobre o sol que não derrete a neve que o meu pé prende?

—Tão forte sou eu que o lume me queima.

Volta-se a formiga para o lume:

—O' lume, tão forte és que queimas o pau que bate no cão que morde no gato que mata o rato que fura a parede que encobre o sol que não derrete a neve que o meu pé prende?

—Tão forte sou eu que a agua me apaga.

Volta-se a formiga para a agua:

O' agua, tão forte és que apagas o lume que queima o pau que bate no cão que morde no gato que mata o rato que fura a parede que encobre o sol que não derrete a neve que o meu pé prende?

—Tão forte sou eu que o boi me bebe.

Volta-se a formiga para o boi:

O' boi, tão forte és que bebes a agua que apaga o lume que queima o pau que bate no cão que morde no gato que mata o rato que fura a parede que encobre o sol que não derrete a neve que o meu pé prende?

—Tão forte sou eu que o marchante me mata.

Volta-se a formiga para o marchante:

—O' marchante, tão forte és que matas o boi que bebe a agua que apaga o lume que queima o pau que bate no cão que morde no gato que mata o rato que fura a parede que encobre o sol que não derrete a neve que o meu pé prende?

—Tão forte sou eu que Deus
me mata.

(Recolhido da tradição oral).

Esposende. ALVARO PINHEIRO.



CANCIONEIRO MINHOTO

(Continuado da col. IX, d'este vol.)

716

O' ingrata penna d'ouro
Tinta fina de escrever;
És um vaso chrystalino,
A onde o sol vai beber.

717

Bemmequeres é malmequeres
Ao campo se vão colher,
Eu já vi um malmequer,
Acabar num bem querer.

818

Se fôres ao mar pescar
Leva rêdes só de linho,
Eu serei o pescador,
Tu serás o meu peixinho.

719

Oh! ingrato, Oh! ingrato,
Amor, que já foste meu,
Gloria de quem te ama
A penna sintoa eu.

720

Quem mo ouvir a mim cantar
Que dirá e com razão?
Olha o prazer d'aquella:
Deus sabe a minha paixão.

721

A menina que eu amava
Hoje vêr-me já não pôde,
Roubaram-m'a ao meu amor,
Aqui d'el-rei quem me acode.

722

Servancelhas como as tuas
E' impossivel havêllas,
São feitas de sêda preta,
De noute pelas estrellas.

723

Que rua tão apertada
Que nem um retiro tem,
Inda que queira não posso,
Fallar a quem quero bem.

724

Perguntei ao sol se viu
A' lua se conheceu,
A's estrellas se encontraram
Um amor que já foi meu.

725

Vai meu triste coração
Repartido em tres traços
Um que vai e outro que vem,
E outro que fica em tens braços.

726

As estrellas miudinhas
Fazem o ceu bem composto,
Nunca comtigo menina
Pôde fallar a meu gosto.

727

A lua veste de branco
A menina quer casar,
A madrinha é Nossa Senhora
O padrinho é o luar.

728

Do meu coração ao teu
Já tenho ganhado raizes,
Meu coração não se aparta,
Por mais que me escandelises.

729

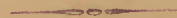
Não canto por bem cantar,
Que meu mal chorar merece;
Eu canto para aliviar
Meu coração que padece.

730

Quando passares por mim
Faz-se cego, finge-te mudo;
Disfarça quanto poderes,
Que eu por mim disfarço tudo.

Barcellos, 1890.

(Continúa) SILVA VIEIRA



PENITENCIAS DO INDOSTÃO

Não ha terras no mundo em que mais singulares do que no Indostão sejam as penitencias.

Uns vivem 40 e mais annos, em uma gaiola.

Outros toda a vida com ferros ao pés.

Andam uns com as mãos sempre fechadas, para que as unhas, crescendo, se lhes enterrem na palma da mão e a atravessassem de lado a lado.

Agarram-se outros a ramos de arvores, até que os braços se lhe paralysem.

Fazem uns o voto de estarem sempre em pé e outros de se não deitarem senão em camas com picos de ferro, que de continuo os accordam.

Uns olham para o sol até cegarem de todo; conservam-se outros sempre ás escuras.

Teem-se feito enterrar uns com a cabeça para baixo, e os pés só de fóra; enquanto outros hão ficado só com a cabeça de fóra e só pestanejando se podiam defender das aves de rapina que lhes vinham depenicar na cabeça e na cara.

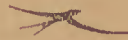
Muitos hão cortado as mãos, braços e lingua. Outros andam leguas, deitando-se no chão, pondo-se em pé, tornando a deitar-se, e pondo a cabeça onde ultimamente tiveram os pés até che-

gar ao sitio em que fizeram a promessa.



COSTUME CURIOSO

Na Roumania, ha um costume muito curioso. Quando um criado incorre no desagrado de seu amo ou de sua ama, põe as botas á porta do quarto d'esta ou d'aquelle em testemunho de profunda submissão. Se o amo ou ama retira as botas do delinquente com um pontapé, é signal de que a falta não será perdoada; mas se o criado recebe ordem de se calçar, então o perdão é certo.



UM CONTO POPULAR ALLEMÃO

—*—

O principe definhava de dia para dia. Cada vez mais pallido e mais triste.

—Para que teu filho fique bom, e te venha á succedor no throno,—disse um velho sabio ao rei,—é preciso que lhe vistas a camisa d'um homem que se julgue inteiramente feliz.

O rei fez partir embaixadas para as cinco partes do mundo, em busca d'esse afortunado mortal.

Pesquisaram-se as córtes, onde ha o poder; as academias, onde ha a sciencia; os salões, on-

de volita a alegria; os emporios, onde se ostenta a riqueza.

Em parte nenhuma se encontrava esse homem precioso, um homem que se considerasse inteiramente feliz.

Recolhiam as embaixadas com a desalentadora resposta quando, ao atravessarem um campo da Suíça, ouviram ao largo uma voz infantil e sonora que regorgeava o «Ranzdesvaches».

Devia ser feliz quem de tal maneira cantava.

Correram para o sitio d'onde vinham os sons, e deram com um pastorsinho assentado no rebordo d'uma lapa.

Teria, quando muito, os seus nove annos.

Transpirava-lhe a saude nas faces, e o contentamento no olhar.

—És feliz?...—perguntou de chofre o mais velho dos embaixadores.

—O quê, meu senhor?...

—balbuciou o pequeno meio atonito.

—Se te julgas feliz n'este mundo?

—Tão feliz como esses passarinhos que vôam.

—Sem uma sombra de tristeza?

—Feliz de todo.

—A tua camisa por tudo o que appeteceres na terra!

O pequeno sorriu, e continuou a «Ranzdesvaches».

Elle, o unico d'este mundo inteiramente feliz...não tinha camisa!

CATIBAN.



OS RUSSOS E AS MULHERES

Os proverbios dos russos sobre a mulher parecem indicar ou que os russos não são bons e cortezes maridos ou que as mulheres russas são duras de suportar. Ah! vão alguns para amostra:

Ama a tua mulher como a tua alma: saccode-a como uma ameixeira.

Bate sempre á mulher antes de jantar, tambem antes da ceia.

Cabellos compridos, memoria curta.

O cão é mais intelligente do que a mulher, que nunca ladra ao amo.

Antes de partires para a guerra, reza uma vez; antes de embarcar, resa duas vezes; antes de casar, resa tres veses.



LENDA DA SILVA

Antigamente, antes que o Redemptor viesse ao mundo, a silva era uma planta despresi-

vel e aborrecida até pelos proprios animaes. Sem flores, como os fetos, onde as borboletas e as abelhas viessem pousar as suas azas doudejantes, não podia, assim, produzir fructo algum e os seus aculeos, longe de a tornar querida dos homens, não desafiavam tambem, as aves do céu a que viessem cantar entre as suas moitas cerradas.

Um dia, porém, como é sabido, quando Herodes ordenou a degolação dos innocentes da Judéa, a Virgem, para salvar o seu filho, teve de fugir com elle ao collo para o Egypto sobre uma jumentinha que o S. José tangia por aquelles montes além, perseguido de perto, comtudo, não podia já a Santissima Mãe de Jesus livrar-se dos terriveis soldados se uma moita de sarças, condoída de tão grande dôr materna, os não enleiasse então, prendendo-os tenazmente com os seus braços fortes e aculeados.

Livre do perigo, Maria lançou, então a sua benção sobre as silvas que desde ahi não só poderam dar flores mas até se cobriram com cachos de succulentas amoras.

E já cantam as aves e adejam as borboletas entre aquellas sarças abençoadas.



SUPERSTIÇÕES POPULARES

Quando se deita cabelo fóra deve cuspir-se n'elle tres vezes e fazer-lhe uma cruz por cima dizendo: em louvor do Santissimo nome de Jesus, eu te abenço, meu cabelo, para que não te empeça mal nenhum.



Um cabelo deitado em agua transforma-se em uma cobra, e á medida que a cobra vae crescendo vae-se mirrando a pessoa a quem o cabelo pertence.



Quando se vae baldear vinho e elle faz muita espuma, faz-se com a mão aberta uma cruz, tocando na espuma; em seguida faz-se a mesma cruz, sempre com a mão aberta, na testa, e depois ainda no vinho. Feito isto pára logo a espuma sem o vinho perder a força.



CANÇÕES POPULARES

Estou ausente de ti
E tu de mim separado,
Mas os nossos corações
Estão n'um laço apertado.

Os meus olhos e os teus
Casou-os um dia a lua,

E querem-se tanto, tanto
Como a minha alma á tua.

Se te péro por te amar
Muitos peccados já fiz,
Se é o que tem de ser
Foi então Deus que o quiz.

O amor é vida da vida,
Luz da noite, luz do dia;
O amor é sonho de rosas
Falso Judas d'alegria.

Sou captiva dos teus olhos,
No teu coração estou presa,
Não ha nada n'este mundo
Que eu ame com mais firmeza.

Assim como o sol se esconde
Eu tambem me hei-de esconder
Nas cadeias dos teus braços
Apertada até morrer.

O amor é cego e tolo,
Nada vé o pobresinho,
Vou-me offerecer para guia
De tão formoso ceguinho.

Eu queria roubar-te os olhos
E sempre os trazer commigo,
Para nunca receiar
Dos teus olhos algum perigo.

Nossa Senhora das Dôres
No peito com tanta espada!
Eu tambem tenho a minh'alma,
Com muitas dôres trespassada.

Quando a tarde vem cahindo,
E o sol se vac p'r'o mar,

Olho-o pensando que tu
Tambem o estás a olhar.

Meu amôr quando eu morrer
Vae fechar o meu caixão.
Assim como já fechaste
O meu triste coração.

Não é a belleza que eu amo
Dos teus olhos, meu amôr,
Eu só amo o coração
Que te deu Nosso Senhor....

Eu não sei para que Deus
O coração me quiz dar,
Foi para estar como um sino,
Sempre á agonia a tocar.

Ha no céo tanta estrella,
E na terra tanto amor!
Só p'ra mim não ha mais nada
Que muita saudade e dôr...

As saudades são martyrios
E as tristezas são saudades,
Tenho um jardim no meu peito
Que rego todas as tardes.

Villa Real,—1902.

Carmen d'Almeida



QUADRA SOLTA

Meu amor quando morreres
Leva-me na tua alminha,
Que eu sou como a borboleta
Caibo na mão fechadinha.

COSTUMES

O BOLO DOS NOIVOS

Na freguezia de Amiaes de Baixo, concelho de Santarém, quando ha um casamento, as raparigas, parentes, amigas e vizinhas das recém-casadas vão-lhes levar uma *visita*.

As *visitas* costumam ser de sacco e de cesto. Aquellas constam d'um alqueire de milho, um arratel de estôpa ou linho e 500 a 1000 réis em dinheiro; estas um alqueire de milho, um arratel de linho ou estôpa, um prato com fructa, uma panella com legumes, uma certã com sal, uma almotolia com azeite e outras miudezas. A's portadoras das primeiras dão-lhe de jantar, um pão e um bolo; ás das segundas, um pão e dois bolos, comes e bebes.

As *visitas* vão sendo restituídas pelas casadas á proporção das que se vão casando; se porém no 3.º dia não estiverem restituídas e alguma se *esquecer* ou se *faz esquecida* a noiva por uma das suas convidadas manda-lhe a casa um bolo, especie de official de diligencias que a vae intimar para pagar a sua divida; se ainda não *ouve* ou *não dá ovidos ao official*, então a recém-casada dirige-se a casa da retardataria e lhe pede á *mã ca-*

ra a visita que lhe dera no seu casamento.

D'esta vez já se não appella. E' pagar e cara alegre.

Cada terra com seu uso...

A. DE JESUS E SILVA

CONTOS POPULARES DO DOURO

I

O FILHO POR ACABAR

Era uma vês um individuo, casado de frêscã data, que intentou ir-se ao Brazil á cata de fortuna, deixando a mulher, nova e bonita, grávida de tres mêses.

Dias depois o prior da freguezia passou em frente da casa della, e vendo-a á porta da rua, cumprimentou-a e perguntou-lhe pelo marido, com o fim de metter conversa:

—Já embarcou p'ros Brazis, senhor prior.

E vai elle, reparou no ventre da mulhersinha:

—Deixou-a já bem servida; já não fica sósinha. Mas deixe-me lhe dizer que a criança que tiver ha de vir sem ólhos, porque o pai esqueceu-se de lhos fazer.

A mulher, que tal ouviu, deu fé ao dito do padre, e botou-se chorar.

E disse-lhe elle:

—Não chore, que eu me in-

carrégo de fazer os ólhos que lhe faltam. Logo á noite, se me dér licença, virei por sua casa e então lhos faremos os dois.

A mulhersinha, como era muito innocente, accitou. O padre veio confórme a promessa, e passou lá a noite, e outras muitas, porque o dianho dos ólhos a modos que levavam seu tempo a fazer.

Dahi por dois annos pôs-se o marido em viagem, e logo que chegou a casa ficou que não cabia em si de contente quando viu um bello rapagão nos braços da mulher.

—Que te parece o nosso filho? E' tão lindo, não é?

—Isso é que elle é! Lindo e muito fórtel!

Ella, como innocente que era não pode ter-se que não dissesse:

—Pois saberás que podia ser muito feio, e eras tu o culpado. Nada menos que céguinho, vê lá tu!

—Cégo?!

—Cégo, sim senhor. O senhor prior passou aqui logo aos tres dias de tu te ires embora, e mal me viu disse logo que o menino ou menina que eu viesse a ter havia de sair cégo, porque tu não tinhas acabado de o fazer. Eu, com muita pèna que assim fôsse, pôs-me a chorar, e o senhor vigario, que é muito bom

homem, offereceu-se logo por caridade p'ra lhe fazer os olhinhos, que era o que faltava. E vai eu accitei—queria cá o meu filho cégo!—e aqui tens tu o que saiu.

O homem percebeu tudo e ficou varado, mas vendo a innocencia da mulher, calou-se e pôs-se a reflectir na partida que havia de pregar ao padre.

Era um sabbado. Noite fechada, o brasileiro foi-se a um curral onde o vigario tinha um rebanho de cabras, e, uma por uma, foi-lhes tirando os ólhos.

No domingo seguinte, ao meio da missa do dia, o prior volta-se para os ouvintes, conta o caso, que tinha já corrido de boca em boca por toda a freguezia, e promete que o malvado que lhe tinha feito aquillo não tinha céu nem inferno.

Nisto levanta-se a meio da coxia o pai da criança e bêrra alto e bom som:

—Quem tão bem faz ólhos a crianças melhor pôde fazê-los a cabras.

O padre, vendo o segredo descoberto, calou-se muito caladinho, e vendeu as cabras para o córte.

Recollido na Figueira da Fóz, da tradição popular, por

M. CARDOSO MARTHA.



OS SINOS DE LORETO

(LENDA)

(Trad. de P. Ramos de Paula)

Era uma vez uma pobre viuva que vivia em Praga no bairro *Novo Mundo*; evitava as privações á força de trabalho e economia, porque tinha muitos filhos.

Toda a gente sabe que a torre de Loreto tem muitos sinos: os grandes dão as horas e os mais pequenos as meias horas e os quartos.

A pobre viuva tinha tantos filhos quantos os sinos, e era por isso que ella lhes chamava os seus sinos de Loreto; os maiores, ainda estavam calados por alguns instantes, mas os pequenos tinham sempre que dizer.

A unica joia que a viuva possuia era um collar de moedas de prata, tantas quantas os filhos; herdara-a da sua madrinha que era rica e ella guardava-a como recordação para seus filhos.

Caíu sobre a cidade uma peste que atacava especialmente os pobres, chegando estes a imaginar, no meio do seu desespero, que os ricos eram a causa d'esta doença, envenenando-os.

A epidemia entrou em casa da viuva e o filho mais velho foi o primeiro atacado. A mãe ficou tristissima; amava igualmente todos os filhos e o seu pensamento constante era que os ia

perder, sem se lembrar que ficaria livre de cuidados e fadigas. Não tinha com que pagar aos medicos; bem sabia que andavam tão occupados que não teriam tempo para vir a sua casa.

Dentro de duas horas a criança principiou a fazer os preparativos para a viagem eterna. Como a desgraçada visse que lhe não podia valer, tirou a moeda maior do collar e foi leval-a ao Loreto. O sino maior começou a dobrar: a criança agonisava; este dobre annunciava a sua morte. Os carros funebres percorriam a cidade de Praga em todos os sentidos, parando defronte das casas para se carregarem de mortos; e, quando um carro estava cheio, caminhavam para o cemiterio e esvasiavam-no na grande valla commum.

No dia seguinte a pobre mãe seguia um dos carros com a esperanza de saber o sitio onde ficara seu filho, e quando regressou encontrou outro doente, pallido como uma rosa estiolada, e dentro em duas horas lá foi ella levar a segunda moeda ao Loreto; e nos dias seguintes, á medida que as moedas eram tiradas do collar umas atraz das outras, assim tocavam os sinos do Loreto pela ordem do seu tamanho.

A mãe caíu no profundo abatimento; muda, seguia os carros funerarios de cemiterio em

cemiterio, e sempre que regressava vinha assistir á agonia d'um de seus filhos.

A morte arrancou-lhe o ultimo ainda ha pouco desmamado. Quando o mais pequeno dos sinos tocou, a mãe suppoz que seu coração havia estalado. Lá foi a traz do cadaver do seu filhinho, e ao voltar sentiu-se atacada pela epidemia: foi-se deitar no mesmo leito onde todos os seus filhos morreram: a infeliz mulher ahí jazia abandonada; não tinha ninguem que lhe dêsse uma sêde d'agua: a unica consolação que a alentava era a ideia de seus filhos terem morrido primeiro.

Um ardor insupportavel consumia todo o seu corpo, uma fraqueza singular espalhou-se por todos os seus membros, parecendo-lhe que morriam pouco a pouco.

—Ai meus queridos filhos! suspirou ella; ainda tivestes quem vos acompanhasse ao cemiterio, mas a mim ninguem me acompanhará! amortalhei-vos ao som dos sinos, a mim ninguem me amortalhará! E apenas acabara de proferir estas palavras os sinos começaram de repicar n'um crescendo cada vez mais forte parecendo de vozes d'anjo.

—São as almas dos meus filhos, murmurou a mãe, e em seguida expirou.

E' desde esta época que se

ouvem repicar os sinos do Loreto.

J. VERUDA



MODAS E MODINHAS

A) Bailes e jogos de roda

VIII

Arredonda a saia

Quem me dera agora vêr
Quem me lembrou de repente,
Se será vivo, ou será morto,
Ou estará na cama doente.

Arredonda a saia,
Arredonda a saia,
Arredonda-a bem;
Meia volta que dês ao par,
Bates as palmas,
Ólaré, meu bem.

(Tras-os-Montes)

IX

Atira, caçador, atira

Atira, caçador, atira,
Atira lá baixo á parada,
Como são galuchos novos,
Atiram, não matam nada.

Atira, caçador, atira,
Faremos uma caçada
Como são galuchos novos,
Atiram, não matam nada.

(Alemtejo)

X

Bailarico saloio

Baila o bailarico,
Senhora Maria,

Lá na sua cama
Muita pulga havia.

Baila o bailarico,
Bail'ó bem bailado,
De hoje a quinze dias
Ha de haver noivado.

Baila o bailarico,
Bail'ó bem bailado,
De hoje a um anno
Ha um baptisado.

Baila o bailarico,
Bail'ó se quizeres;
Por todo esse mundo
Não faltam mulheres.

(*Extremadura*).

XI

Brinça tudo

Na noite em que me casei
Tudo eram brincadeiras
Brinca o pae, brinca a mãe,
Brinca tudo, Mariquinhas.
Ora brinca, brinca tu,
Brinca tu, e eu tambem,
Beijinhos e abraços
São só p'r'ó meu bem.
Palminhas, ólaré, palminhas,
Palminhas, olaré, trás, trás;
Já te não querem as moças,
Oh desgraçado rapaz!

(*Tras-os-Montes*)

XII

A Camponeza

Meu amor, quero-te bem,
Não o dou a demonstrar,
Não quero que tenhas guerras,
Nem o mundo que falar.
Além vem a camponeza,
Além, além, além, além,
Já a vi, já lhe falei,
Ora passe muito bem.

(*Alemtejo*)

XIII

Caninha verde

O' minha caninha, verde,
Verde cana, recóco,
P'ra dançar a cana verde
Venham moças de Grijó.

O' minha caninha verde,
Rebatida no pinheiro;
O que é caro é barato,
O que é bom custa dinheiro.

O' minha caninha verde,
Verde cana, verde cana,
Das moças que andam na roda
A melhor é a Marianna.

O' minha caninha verde,
O' minha verde caninha,
Salpicadinha de amores,
De amores salpicadinha.

O' minha caninha verde,
Verde cana de encanar;
As meninas dos meus olhos
Se arrasaram com chorar.

O' minha caninha verde,
Verde cana, tanto monta,
Vieste por muita esperta,
Agora tapei-te a boca.

O' minha caninha verde,
O' bella cana sem lei,
Dá-me a tua liberdade,
Que a minha já te a dei.

(*Douro*).

Lá vem o comboio á ponte,
Lá vem o sol a brilhar,
Acertem a *Cana-verde*
Que ella é boa de acertar.

Quom accode á cana verde,
Que se parte aos bocadinhos?
Quem accode aos namorados,
Que se matam com beijinhos?

Quem achar a cana verde
 Faça favor de m'a dar,
 Que eu trazia-a no meu peito,
 Não dei fé de me faltar.

Quem achar a cana verde
 Queira-m'a restituir,
 Eu trazia no meu peito
 Não dei fé d'ella cair.

(*Minho*)

(Continúa)

A. THOMAZ PIRES.

NOVELLAS POPULARES MINHOTAS

III

O MACACO



Uma vez era um macaco, que tinha um rabo muito comprido. Disse-lhe um homem:

—O' macaco, és tão feio com esse rabo!... Vae a um barbeiro que t'ó córte.

Foi o macaco ao barbeiro que lhe cortasse o rabo, e na volta encontrou-se com o mesmo homem que lhe disse:

—O' macaco, agora ainda és mais feio sem o rabo. Porque não vaes ao barbeiro que t'ó torne a pôr?

Foi o macaco ao barbeiro:

—O' barbeiro, torna-me a pôr o meu rabo, senão furto-te a melhor navalha que tiveres.

—O teu rabo deitei-o acima de um telhado e os gatos comeram-n'ó.

Então, o macaco, furtou-lhe a melhor navalha.

Foi por ali acima... acima... e

encontrando uma mulher, junto a um rio; a escamar sardinhas com as mãos, disse-lhe:

—O' porca de mulher, pois tu estás a escamar sardinhas com as mãos?! Toma lá esta navalha para escamares as sardinhas.

Vem d'ahi a pouco o macaco em procura da mulher e encontrando-a disse-lhe:

O' mulher, dá cá a minha navalha, senão furto-te a melhor sardinha que ahí tiveres.

—A tua navalha cabiu-me ao rio e a corrente levou-a.

Vae o macaco furtou-lhe a melhor sardinha.

Foi-se embora e encontrando uma moleira a comer pão, disse-lhe:

—O' moleira, tu estás a comer só pão?! Toma lá esta sardinha para comeres com elle.

Volta d'ahi a pouco tempo o macaco, e diz á moleira:

—O' moleira, dá-me a minha sardinha, senão furto-te o maior sacco de farinha que tiveres no teu moinho.

—A tua sardinha já a comi.

Então, o macaco, levou-lhe o maior sacco de farinha.

Foi a uma escola de meninas e disse á mestra:

—Aqui tem este sacco de farinha para fazer um bolo pequeno para cada menina e um maior para a mais bonita.

Veio o macaco ao depois a escola, e diz a mestra:

—O' mestra, dê-me o meu sacco de farinha, senão levo-lhe a menina mais linda que ahí estiver.

—Do seu sacco de farinha fiz os bolos ás meninas.

—Pois então levo-lhe a menina mais linda.

E o macaco furtou-lhe uma me-

nina.

Encontrou um homem a tocar
viola, disse-lhe:

—O' homem, dá-me essa viola
que eu dou-te esta menina.

—Essa menina é minha.

—Pois dá-me a viola que eu
dou-t'a.

Deu-lhe o homem a viola em
troca da menina.

O macaco foi para cima das bor-
das de um poço, e começou a tocar
na viola, e a cantar:

Do meu rabo fiz navalha, de na-
valha fiz sardinha, de sardinha fiz
farinha, de farinha fiz menina, de
menina fiz viola... adeus que me
vou embora!

E atirou-se ao poço.

(Recolhido da tradição oral).

Esposende. ALVARO PINHEIRO.



CANCIONEIRO MINHOTO

(Continuado da col. 20)

731

Da outra banda do rio,
Estão meninas a lavar.
Rema, rema meu barquínho,
Quem me dêra lá chegar!

732

Se tiveres amor dos homens,
Não lh'o dês a conhecer;
Os homens são como as creanças,
O mimo os faz perder.

733

O' amor, ó desamôr.
Não te fies em ninguem,
Que quem se fia nos homens
O soffrer logo lhe vem.

734

Ha quatro coisas no mundo
Que me custa a entender:
—Os padres irem pr'ó inferno,
E os cirurgiões morrer.

735

Por onde é que tens andado
O' meu amor encoberto,
Ha tempo que te não vejo
Nem de longe nem de perto.

736

Esta rua tem pedrinhas,
Esta rua pedras tem;
Por causa d'estas pedrinhas
Está preso meu lindo bem.

737

O capote do Geitoso
Tem uma nodoa d'azeite...
Não ha nova nem velha
Que o Geitoso não engeite.

738

Estrella má foi a minha,
Amei-te apenas te vi,
Todo o amor que eu tinha
Todo empreguei em ti.

739

Eu quando tomar amores
Há de ser c'um sapateiro.
Para lhe mandar fazer sapatos
E me não levar dinheiro.

740

Sou rapaz gosto de vêr
As pernas ás raparigas,
Se são grossas ou delgadas,
Se são curtas ou compridas.

741

A fita do meu 'chapeu
Cahiu á agua, molhou-se,
Inda que digas mal de mim
—Gosto de ti—acabou-se.

742

Nossa Senhora faz meia
A linha é côr da luz,
O novello — a lua cheia,
As meias são p'ra Jesus.

743

Amor é sonho que mata,
Sorriso que indoidece,
Endeixa que se desata,
Perfume que se esvaece.

744

Sereno passa o meu rio
Sem arrufos nem canceiras,
Beijando as frescas rêlvas
E as pernas ás lavadeiras.

745

Ménina, se quer saber
Quem são as namoradeiras,
São as Caraças e as Mirandas,
Tambem são as Ferradeiras.

746

Estes rapazes d'agora,
Estes que d'agora são,
Trazem quinze reis no bolso,
Pensam que trazem um milhão.

747

O' cana, ó rei das canas,
O' canas, canaviaes,
Aquella menina chora,
Porque vós a desgraçaes.

748

O amor de homem casado,
Quem o quer, quem o cubiça?
É como o cantaro furado
C'uma rolha de cortiça.

749

Para as torradas manteiga,
Para o fastio linhão,
Deitado na minha cama
Subi ao ar, num balão.

750

Para as torradas manteiga,

Para o fastio cebola;
Fallinhas, quantas quizeres,
Casar contigo, tô rôla.

751

Para as torradas manteiga,
Torradas, no torrador,
É um regalo descansar
No cõllo do meu amôr...

752

Encontrei o *dá-e-tôma*
Na rua do *tôma-lá*...
Nunca ví o *dár-seni tôma*,
Nem *tôma* sem *deita-cá*.

753

Nunca te pedi um beijo,
Porque cõraste então?...
—Um beijo pede-se á rosa,
Ainda que seja em botão.

754

Os teus cabellos aerêos
Os teus beijos de nankin,
Foram dispersos na brisa
Por essas praias sem fim.

755

Tenho uma ferida no peito,
Uma chaga no coração,
Se te não lograsse, amor,
Morreria de paixão.

756

Ninguem faça como eu fiz,
Nem ame como eu amei,
Que se hão-de achar enganadas,
Assim como eu me achei.

757

Na entrada de Vianna
Dei um lenço a lavar,
Nunca chorei por amores,
Só hoje é que eu vou chorar.

(Continúa)

SILVA VIEIRA



NOVELLAS POPULARES MINHOTAS

SENHORA DO ROSANDARIO . . .

—=—

Houve uma vez um homem, e tinha uma mulher que lhe desejava cegueira. Para isso ia todos os dias á egreja pedir á Senhora do Rosandario (1) que dêsse cegueira ao marido, de maneira que elle não visse.

O homem tantas vezes viu ir a mulher para a egreja que, um dia, resolveu ir espreital-a. Foi para a egreja mais cedo, e escondeu-se dentro de um confessionario. Veio a mulher, benzeu-se, ajoelhou e começou a fazer os costumados pedidos á Virgem do Rosandario, dizendo:

—Minha Senhora do Rosandario, dae cegueira ao meu homem, de modo que elle não veja! . . .

O marido que gostava muito de ovos fritos com toucinho e que era amante da pinga, bradava-lhe de dentro do confessionario:

—Dá-lhe ovos tritos com toucinho e uma canada de vinho!

Ia a mulher para casa e cumpria o mandado, que julgava ser da Virgem do Rosandario.

O marido ia comendo bem e bebendo melhor, e muito de proposito dizia para a mulher:

—Mulher, estou vendo tão pouco! . . . (tão poucos ovos, toucinho e vinho).

Elle então voltava para a egreja, e novamente pedia:

—Senhora do Rosandario, dae cegueira ao meu homem, de modo que elle não veja! . . .

Bradava-lhe o marido, outra vez, de dentro do confessionario:

(1) Senhora do Rosario.

Dá-lhe ovos tritos com toucinho e uma canada de vinho!

Voltava a mulher para casa, dando sempre ovos com toucinho e vinho em abundancia ao marido.

E o marido dizendo sempre:

—Mulher, de cada vez estou vendo menos. . . .

Por fim, tantas vezes foi a mulher á egreja e tantos ovos com toucinho e vinho deu ao marido, que este, enraivecido por ver proceder tão mal sua mulher, que lhe desejava cegueira, resolveu ir para o esconderijo munido de um grosso varapau, e na occasião em que a mulher fazia os costumados rogos á Virgem do Rosandario, sahio-lhe ao encontro e deu-lhe tamanha *coça* que a pôz ás portas da morte.

Esposende. ALVARO PINHEIRO.



CANCIONEIRO MINHOTO

(Continuado da col. 44)

758

Quem seria a coradinha
Que me chamou amarella?
Eu só lhe queria vêr
A côr que tinha na della.

759

Não quero mulher nova
Que é espelho de maganos,
Quero uma velha carcassa
Que tenha desoito annos.

760

Se tu morreres e eu morrer,
Faremos uma «morrida»,
Tu morres, por me matar
Eu morro; por te dar vida.

(Continúa) SILVA VIEIRA

O RACHADOR E O REI

(Conto enigmático)

N'uma occasião, andando um rei á caça encontrou n'uma bouça um lavrador a tirar pinhas dos pinheiros. O rei, olhou muito serio para o homem e disse-lhe:

—Que fazes, lavrador honrado?

—Deito pinhas a baixo, real senhor.

—Para quê?

—Para fazer carvão.

—E o carvão vendel-o ou é para teu gasto?

—E' para vender.

—Mas esse trabalho não chega para tu comeres.

—Está enganado, vossa magestade:—eu, em carvão, ganho por dia 7 vintens, e com elles:—pago dividas; ponho dinheiro a juros; e sustento-me a mim e a minha mulher!

—Como tal, como pôde ser isso? ordeno-te que m'o espliques.

—Olhe, pago dividas, porque sustento meus pais que já são velhos, e nunca lhes pago o que me fizeram em criança; ponho dinheiro a juros, porque trago os meus filhos na lição e mais tarde me farão o que eu estou fazendo; e sustento-me a mim e a minha mulher.

Pois bem, disse o rei, sob pena de morte, não quero que digas este segredo a ninguem, sem te

mostrarem a minha firma.

—Sim, senhor, esteja descançado.

O lavrador continuou a sua tarefa, e o rei seguiu o seu caminho.

Chegou o rei ao palacio e mandou chamar os seus ministros e disse-lhe:

—Pôde ser, um homem, ganhar 7 vintens; e:—pagar dividas; dar dinheiro a juros; e sustentar-se e a mulher? Quero este enigma amanhã decifrado.

Os ministros ficaram todos de bocca aberta, dizendo lá com os seus botões: «isto, decreto, é ditote d'algum lavrador abrutalhado», foram todos seguindo as passadas do rei, por o caminho d'onde elle viéra da caça e o primeiro homem que encontraram, estava a deitar pinhas abaixo d'um pinheiro.

Disse um dos mais resolvidos:

—Que fazes lavrador honrado?

—Deito pinhas abaixo para fazer carvão.

—E quanto gastas por dia?

—7 vintens.

—Cá está o homem! disse para os companheiros.

—E isso chega-te?

—Pago dividas; dou dinheiro a juros; e sustento-me a mais minha mulher.

—E então, como pôde ser

isso?

—Isso agora é um segredo que eu não descobro.

—Doute esta sacca de pintos se fores capaz de m'ò explicares.

—Sim senhor; Olhe pago dividas, porque sustento meus pais que já são velhos, ponho dinheiro a juros, porque trago os filhos na lição e mais tarde hão de fazerem-me o mesmo; sustento-me e minha mulher.

Os ministros foram para o palacio e disseram ao rei:

—Saiba vossa magestade que, quem ganha 7 vintens, e d'elles paga dividas; dá dinheiro a juros; e sustenta-se e a mulher é porque:—sustenta os pais que são velhos, e paga a quem lhe ensina os filhos.

O rei, furioso, mandou chamar o lavrador á sua presença e disse-lhe:

—Então eu, não te disse: que não dissesses a ninguém aquillo que me dissesses-te, sem te levarem a minhar assignatura?

—Sim senhor,—diz o lavrador, tirando a sacca dos pintos,

—porém, não só me levaram uma assignatura como me entregaram estas todas! E mostrou os pintos que tinham o seu nome e o seu retrato.

Alcindo Dantas Gutuoldo.



CONTOS POPULARES DO DOURO

II

SAN JOSÉ E O HOMEM QUE VAE PARA O BRAZIL

Havia um homem que queria ir p'ró Brazil á cata de fortuna, mas não podia levar consigo a mulher por não ter dinheiro p'rá passagem.

Foi ter com San José, de quem era devoto e amigo, e disse-lhe:

—Senhor San José, eu queria ir p'ró Brazil mas não posso levar a mulher comigo, porque só tenho dinheiro p'rá minha passagem. Tenho de a deixar ficar, mas queria-a entregue a pessoa de confiança, porque como vossemecê sabe ella é nova, bonita e um bocadito *estabanada*. . . E vai dahi. . . eu lembrei-me de a deixar entregue ao seu collega S. Antonio. Que me diz?

—Não te aconselho a isso, respondeu San José. Tu sabes que elle foi sempre um santo amadorado. . . Gostava de raparigas novas e bonitas. . . Até lhe partia os cântaros, só p'ra ter pé de se meter co'ellas. . .

—E s'eu fôsse falar com San Francisco?

—Sim. . . deixa cá ver. . . San Francisco. . . San Francisco. . . Mas' oiha que elle tambem não era lá dos melhores. . . Diz que

chegou a rebolar-se, nú, em pel-lóte, num feixe de silvas, quando se lembrava de certa mulher que elle conheceu, e que, pr'os módos, era de se lhe tirar o chapéu... (1)

— Bem! Eu tinha vergonha de lhe ir falar... mas visto isso... sempre me decido a ir ter co' Espirito Santo...

Então San José levantou-se de repellão e gritou:

— O' homem! Tu estás varrido de todo! Pois tu não viste o que elle fês á minha Maria?

(1) O caso é attribuido geralmente a San Jerónimo, que acalmava sobre ortigas os desejos esporeados com a recordação demasiado viva das raparigas de Roma.

* Experimentem a therapeutica os aquenados...



O GAITEIRO DOS CASAMENTOS

As coisas que não falam tambem teem vida como nós, e aqui está a próva:

Nalgumas terras, por occasião dos casamentos, é costume levar á frente do acompanhamento um gaiteiro. E quando a sópram, a gaita diz:

— Viva a noiva fresqui... i... i... nha!

E rufa logo a caixa:

— Vai honrada! Vai honrada! Vai honrada!

Só o bombo é incrédulo:

— Ponho-lhe dúvidas! Dúvi-

das lhe ponho! Ponho-lhe dúvidas! Dúvidas lhe ponho!

Recolhidos na Figueira da Foz, da tradição popular, por

M. CARDOSO MARTHA.



DITOS E MAXIMAS

De Espozende

Falla-se no diabo e olha-se para a porta.

Uma vez a nabaes e outra para nunca mais.

Tudo que não ha se escusa.

Fallai no mau e aparelhaé o pau.

Quem tem só um ovo, logo lhe sae gólo.

Em tudo como o cão rabudo.

O' rapaz, o burro come ou que faz.

Parentes são o dentes.

Adeante, que atraz vem gente.

Livra de maleitas depois de morto.

Só se lembram de Santa Barbara quando *trouva* (troveja).

Nem Deus nem Santa Barbara.

Mais vale quem Deus ajuda do que quem cedo madruga.

Mais vale um passáro na mão do que dous a vôar.

Para baixo todos os santos ajudam.

(Continua)

João do OUTEIRO.

CANCIONEIRO MINHOTO

(Continuado da col. 46)

761

Liberdade, liberdade,
Quem a tem, chama-lhe sua;
Eu não tenho liberdade
Nem de pôr pé na rua.

762

Canta, minha voz d'um anjo,
Qu'eu por anjo te venero;
S'eu sirvo na falta d'outra,
Digo já que te não quero.

763

Senhor padre, eu pequei,
A Deus peço perdão,
Abracei uma tecedeira...
Enchi-me todo de cotão.

764

Já vi, menina, já vi
Tua soberba abatida;
'Inda espero de ver mais,
Se Deus me guardar a vida.

765

Tudo é casar, casar,
Casaremos nós também;
Como havemos de casar
Se não temos nem vintem?

766

Vou-te dar as despedidas
Em descante de prazer;
S'algum dia me encontrares
Faz de conta que não vez.

767

Tenho olhos, e não vejo;
Tenho bocca, e não fallo...
P'ra não dizer o que sinto,
E' por isso que m'eu calo.

768

A mulher é parte fraca,
Mas tem sua opinião;
Agora havemos de ver
Quem é que vence a questão...

769

Ha quem procure, e não ache;
Eu sem procurar achei;

Ha quem morra, e não se enterre;
Eu sem morrer me enterrei.

770

Nos anneis dos teus cabellos
Me fui deitar a nadar;
Prendi-me por minhas mãos,
Já me não posso soltar.

771

Vae branquinha, a luz nova,
Com'a *escuma* do sabão;
Vae branquinha e sem nodoas
Tal-qual é meu coração.

772

Se eu soubesse que, voando,
As estrellas ia apanhar,
Mandava fazer as azas
Para até ellas voar.

773

Chamaste-me farrapeira...
Eu nunca vendi farrapos;
Tenho uma camisa nova,
Que tem quatorze buracos.

773

Chamaste-me farrapeira
Na rua do Algodão...
Farrapeira é você
E toda a sua geração.

775

As minhas penas dobradas
Já não tem conto, nem fim:
Mas s'as penas me faltassem,
Ai, que seria de mim!

776

A todo o homem do mar
Se lhe póde dar a filha;
Da-lh'o vento na vela
P'ra elle ganhar a vida.

777

A rua Direita, não presta;
A do Feital, tem valia;
Vá á rua do Becco-doce,
Que lá 'stá a melhoria.

778

Meu amor pede que eu tenha
Juizo e capacidade...
Tenha-o elle, que é mais velho,
Qu'eu sou de menor idade.

779
Trez vez, nove vinte e sete,
E mais amores tenho eu;
Se mais quizesse, mais tinha,
Foi fado que Deus me deu.

780

O' Manoel, Manoel,
Dá o annel á Maria,
Que já m'o tinha pedido
Para ir á romaria.

781

As pennas leva-as o vento...
Que tão leves ellas são!
—As lagrimas são pesadas,
Poís saem do coração.

782

Já não quero cantar mais,
Hoje já muito cantei;
Só quero deixar á vóz
Como quando comecei.

783

Quem me dêra ao pé do rio,
A' sombra do seu chorão,
P'ra cantar a minha dôr
Do fundo do coração.

784

No mundo não ha dous mundos,
Nem no ceu ha dous senhores...
Como é que pode haver

Num coração dois amores?

785

Raparigas d'Espozende,
Arredae a cara p'r'ó lado,
Que ahí vêem as de Fão
Com o ranho «pendurado».

786

Num sabbado hei-de morrer,
Sabbado m'hei-de enterrar;
Quatro rapazes solteiros
P'r'á cova m'hão-de levar.

787

Laranja na laranjeira,
Dá as voltas que ella quer;
E' como o rapaz solteiro
Emquanto não tem mulher.

788

Voa o inseto p'rá flôr,

Sorve-lhe o dôce mel;
Eu vôo para teus braços
E só libo amargo fél.

789

A alegria de meus olhos
Não sei que rumo levou...
Tão alegre eu era d'antes
E tão triste agora sou!...

790

Ahí vêem barcos á vela,
Ahí vem sardinha bôa;
Ahí vem o meu amor
E vem sentadinho á prôa.

791

Ahí vêem barcos á vela,
Só o meu amor nao vem;
E' certo que o mataram,
Ou elle matou alguém.

792

A todo o homem do mar
Saragoça lhe está bem,
Saragoça ao meu amor
'Stá melhor que a ninguem.

793

Dava-te o meu coração,
Se o podesse arrancar;—
Se o arranco, sei que morro;
Morta, não te posso amar.

794

Quatro flores, em meu peito,
Fizeram sociedade:
Só uma ganhou raiz
A quem puz nome—saudade.

795

Da-se ás córadas manteiga;
Por cima, café, café...
Tambem sei fallar inglez:
Cárágo, Miralós-té

796

Não te encostes á parede,
Que a parede larga pó;
Encosta-te ao meu peit'inho;
Sou solteira, durmo só.

797

Adeus, meu amor, adeus
Até domingo, até terça;
Das saudades que eu tenho,

Deus queira não endoudeça.
798

O' pinheiral do Fanico,
Heide-te mandar regar,
Por causa dos meus amores
Tornarem a renovar.
799

Dizes que te vaes embora,
Que t'andas aparelhando...
Quem dêra ser passarinho,
Que te fôra acompanhando.
800

A assucena com pé n'auga
Pode estar quarenta dias,
Eu, sem ti, nem uma hora;
Quanto mais annos e dias!
801

Quando passares por mim,
Meu amor, faz-me a vontade;
Eu bem sei que tu que tens
Quem te *prive* a liberdade.
802

Adeus, Rio de Janeiro,
Adeus, primeiro pontão
Aonde eu tenho, e não nego,
Amores do meu coração.
803

Adeus, cidade do Porto;
E's mais cumprida que larga;
E's tão triste na sabida!...
Tão alegre na entrada!...
804

Coimbra, nobre cidade,
Onde se formam doutores;
Tambem n'ella se formaram
Os meus primeiros amores.
805

Fui á fonte beber agua,
Bebi, tornei a beber,
Nem minha bocca se entada,
Nem meus olhos de te vêr.
806

Papágaio, pena verde,
Não vás ao lago beber,
Que lá estão penas de morte,
Não te quero ver morrer.
807

Passas por mim, e não fallas,
Com as trompas carregadas,
Se te dôe os calcanhares
Deita-lhe ortigas pisadas.
808

Adeus jardim de Vianna,
Hei-de mandar-te *atuir*;
Pois tú és a perdição
Das criadas de servir.
809

Adeus, ó Rua Direita,
Rua de Veiga Beirão;
Adeus, ó Praça Nova
Onde meus amores 'stão.
810

Adeus, villa d'Espozende,
Cerrada de diamantes,
Onde o meu amor passeia
Todas as horas e instantes.
811

Já comprei os homens todos,
Todos por meio tostão,
Albardei-os e mandei-os
P'r'á aldeia buscar carvão.
812

O' que parede tão alta!
Que pedra tão miudinha!
Mal'o haja quem aparta
A tua vista da minha.
813

Tomem nota, meus senhores:
As bombas vão de carrinho...
Leve o diabo paixões,
Venham garrafas com vinho.
814

Tomem nota, meus senhores,
Tomem nota sem tomar;
A' porta das almas santas
Está Judas a penar.
815

Assubi ao limoeiro,
Cinco folhas lhe colhi;
Foram os cinco sentidos
Que eu havia posto em ti.
816

Dei um nó na fita verde,
Nunca o eu chegara a dar;

Dei-o com a mão direita,
Não o posso desatar.

317

Se tu visses o que eu vi
Num buraco da parede...
Uma cobra, a dançar o *vira*;
Um sardão, a *cana-verde*.

818

O' amieiro do rio
Deixa passar os peixinhos;
Quem namora ás escondidas
Dá abraços e beijinhos.

819

Das filhas de minha mãe
Fui a mais *desinfeliz*;
Todas as manas casaram,
Só a mim ninguém me quiz.

820

Já lá vae o sol abaixo,
Já lá vae a luz do dia;
Já lá vae o meu amor
A quem eu tanto queria.

821

Tú dizes que eu sou parva,
Só por te dar *tencão*:
Outros o dirão de ti
E não é isso sem rasão.

822

O' aguia que vaes tão alta
Por essas serras além!
Leva-me ao ceu, onde eu tenho
A alma de minha mãe.

823

A mulher e a galinha
São o bicho mais int'resseiro;
A galinha, pelo milho;
A mulher, pelo dinheiro.

824

Cantigas leva-as o vento...
Mas que importa qu'elle as leve?
Eu canto para allivio
E a vida me ser mais leve.

825

Dizem que amar é morrer,
Não o entendo eu assim;
Amar é um degredo,
E' uma cadeia sem fim.

826

O tiro-firo é muito meu,
Que me custou meu dinheiro:
Sete patacas e meia
Lá no Rio de Janeiro.

827

A agua do rio vae *truva*,
Eu não fui que a *truvei*;
Agora, por meus pecados,
Agua *truva* beberei.

828

O jasmineiro é verde,
As flores que dá, são brancas;
Quem me dera agora vêr
Quem eu tenho na lembrança!...

829

Se tú queres, e eu querô,
Nosso contracto está feito;
Nem teu pae, nem tua mãe
Desfará o que está feito.

830

Nunca vi ponte sem rio,
Navio sem corta-mar,
Moça nova sem amores
Quando ella os queira amar.

831

No coração da mulher,
Por muito frio que faça,
Ha sempre calor bastante
Para aquecer a *desgracia*.

832

Lá vem o comboio novo,
Lá vem elle a assobiar;
Lá vem o meu amorzinho
Da vida de militar.

833

Papagaio, penna verde,
Recreio do meu jardim,
Assubiu á mangerona,
Pôs o pé no alecrim.

834

As nodoas da roupa suja
Sahem todas com sabão...
Só não ha sabão que tire
A que tenho no coração.

835

O coração do velho arrefece,

Já lá não entra paixão;
E' como o pombal vasio
Onde as pombas já não vão.

836

Se tũ visses o que eu vi
N'uma rua de Guimarães...

Uma cadella, com *pitos*;

Uma gallinha, com *cães*.

837

S'algum dia colheres melindres,

Colhe-os rentinhos ao chão;

Ingratidões do meu bem,

Para mim, melindres são.

838

Se eu morrer á tua porta,

Meu amor, não endoudeças;

Eu morro por te amar,

Inda que nao te pareça.

839

Nada mais certo que a morte,

Nada mais forte que Deus,

Nada mais triste que a ausencia

D'esses negros olhos teus.

840

Se tũ visses o q'eu vi,

Fugias mundos sem fim:

Uma cobra a tirar agua

No meio de um jardim.

841

Assubi ao limoeiro,

Fiz a descida pela rama,

Só p'ra vêr o travesseiro

Que tinhas na tua cama.

842

Pinheiro, dá-me uma pinha;

Videira, dá-me um abraço;

Menina, dê-me seus olhos

Qu'eu lhe darei os meus braços.

843

O' minha caninha verde,

Verde cana, em botão...

Quantos amores vivem tristes

Com as paixões que lhes dão!

844

Na igreja, o meu amor,

Quando vae ouvir a missa,

E' uma rosa em botão;

A todos mette cubiça.

845

Amanhã, se Deus quizer;

Domingo, se não chover,

Hei-de ir vêr o meu bem

Se a ribeira não eucher.

846

Amin não me chamam Anna,

Nem Maria, nem *Zabel*;

Chamam-me uma rosa branca

Do Jardim de Manoel.

847

O' ai, *Laurentina*,

Bolacha Maria;

Viva a Republica,

Morra a Monarchia.

848

Quem tem cravos na varanda,

Não resiste em os colher;

Quem defronte tem o amor,

Não pode deixar de o vêr.

849

Seque-se a raiz da silva,

Reverdeça o alecrim;

Não ha quem perder te possa,

Só tũ me perdeste a mim.

850

S. João, p'ra vêr as moças,

Fez uma fonte de vidro;

As moças não vão a ella...

S. João ficou comido.

851

S. João adormeceu,

No altar dizendo missa,

Sua mãe o acordou

Pela manga da camisa.

852

O S. João das Pedreiras

Escreveu ao de Faria: (1)

Que lhe mandasse dizer

Quando era o seu dia,

853

S. João e mais S. Pedro

Ambos são bons pescadores;

(1) Faria, freguezia do concelho de Barcellos, na margem do Cavado.

S. Pedro, pesca os peixinhos;
S. João, os seus amores.

854

Atirei uma laranja ao ar,
No ar, se fez uma pomba;
Se algum dia te quiz bem,
Hoje, nem ver-te a sombra.

856

Eu hei-de dar ao meu bem
Tudo quanto elle me deu:
Meu coração, minha vida...
Inda com mais fico eu.

857

Só no mez de S. João
Se podem tomar amores,
Que estão os trigos com rama
E os craveiros com flores.

858

O Baptista é um cravo,
Colhidiño nò craveiro;
Quem vos não festejar
Não é christão verdadeiro.

* 859

Altos ceus! trema a terra,
Arraze-se a nau com fogo,
Para que tú saibas menina
Que por teu respeito morro.

* 860

Logo que aqui cheguei,
Aqui, a este auditorio,
Trazia as cantigas todas
Dentro do meu repertorio.

* 861

O' meu amor! anda, anda,
Que te quero vêr andar.
Eu quero vêr o teu brio
E mais o teu passear.

* 862

Quem canta, seu mal espanta;
Quem chora, seu mal ómenta;
Eu canto p'rá-liviar
A pena que m'atormenta.

(*) Todas as canções que tiverem este signal são de Darque, freguesia do concelho de Vianna do Castello, onde as recolhi da tradição oral, em 1890.

* 863

Ondas do mar abrandae,
Qu'eu quero caçar um peixe;
Eu quero deixar o mundo,
Antes qu'o mundo me deixe.

* 864

Tres dias antes que morra,
Hei-de visitar o adro;
Para ver a sepultura
Onde hei-de ser enterrado.

* 865

Rapazes, quando eu morrer
Lebai-me devagarinho;
Fazei-me a cova de aguardente,
Por cima, deitae-me vinho.

* 866

Rua abaixo, rua acima,
Sempre c'o chapeu na mão;
Namorando as casadas,
Que as solteiras miúbas são.

* 867

O' meu amor, quem te disse
Qu'eu dormindo suspirava?
Quem t'ò disse, não mentiu,
Qu'eu alguns suspiros dava.

* 868

Eu heide ir, heide ir
A'quella ribeira;
Para vêr o dote
Da moça solteira.

* 869

Eu heide ir, heide ir
A' ribeirinha;
Para vêr o dote
D'aquella mocinha.

* 870

Se eu soubera namorar
Como sei tocar viola,
Não me faltavam amores
Da filha do Rei mais nova.

* 871

Algum dia, p'ra te vêr,
Saltava muitos quintaes;
Agora, para te não vêr,
Cada vez saltarei mais.

* 872

O' luar da meia noite!

Não me deixes ás escuras,
Que sou de fora da terra,
Não sei os cantos da rua.

* 873

Minha mãe, olhe aquelle
Que pega em mim na rua.
—Matoto larga a menina,
qu'ella é minha, não é tua.

* 874

Aj, *Jazus!* me valha o ceu;
Não sei que ceu hade ser. . .
Valha-me o ceu dos teus braços
Que n'elles quero morrer.

* 875

Fui á fonte, p'ra te ver;
Ao rio, p'ra te fallar;
Nem na fonte, nem no rio,
Nunca te pude encontrar.

* 876

Se te amo, tenho pena;
Se te deixo, tenho dor;
Antes te quero amar,
Do que te deixar, amor.

* 877

O' rosa d'*alixandria*,
Onde perdestes o cheiro?
—Na cama d'uma donzella
Debaixo do travesseiro.

* 878

Vou cantar uma cantiga
D'aquellas que você sabe,
Que as minhas 'stão escondidas,
Perdi o posto á chave.

* 879

Vou varrer a minha rua
C'um raminho de loureiro,
P'ra passar o meu amor
Antoninho Carpinteiro.

* 880

Vou varrer a minha rua
C'um raminho de *hortelão*,
Para passar o meu amor,
Domingo pela *manhã*.

* 881

Cuidavas em me deixares
Qu'eu d'essa paixão morria:

Vae-se um amor, fica outro;
Fico na minha alegria.

* 882

Anda commigo amor,
Deixa a mãe que te criou;
Por muito que ella te queira
Nunca é como eu sou.

* 883

O' morte, tyranna morte,
Contra ti tenho mil queixas.
Quem *hades* levar, não levas;
Quem *hades* deixar, não deixas.

* 884

Eu heide ir áquelle mar,
Que o heide arrazar com ais:
Que me mande o meu amor,
Assim como manda os mais.

* 885

O mar pediu a Deus peixe,
O peixe, a Deus, altura;
O homem, pediu sciencia;
A mulher, a formosura.

* 886

O mar pediu a Deus peixe,
Para andar acompanhado;
Quando o mar quer companhia,
Que fará um desgraçado!

* 887

O tio João Biqueca
E' um homem cavalheiro,
E' filho de pau de pinho
E neto d'um castanheiro.

* 888

Abre-me a porta, que morro;
Não abras, que já morri. . .
Não m'a quizestes abrir,
Agora chora por mim.

* 889

Abre-se uma sepultura
No centro d'uma igreja;
Deita-se o corpo dentro,
A terra nunca sobeja.

* 889

Tenho dentro em meu peito
Dois moinhos a moer;
Um anda, outro desanda. . .
Assim é o bem-querer.

* 890

Doe-me nma tripa nas costas
E a barriga num braço;
Doe-me a cabeça nas pernas,
Que me atormenta o cachão.

* 891

Se fores ao mar pescar
E a sorte te não deixe,
Pesca a cabeça d'um burro;
Quanto mais burro, mais peixe.

* 892

Com pena, peguei na penna;
Com pena pra t'escrever;
Caiu-me a penna da mão,
Com pena de te não ver.

* 893

Abre-te peito e falla,
Coração salta cá fóra;
Vem ver quem por ti suspira,
Quem por ti lagrimas chora.

* 894

Antoninho deu-me um cravo
A' sabida da lição;
Metti o cravo no peito,
Antonio no coração.

* 895

As criadas que são bonitas,
Fazem a cama ao patrão:
No fim d'ella leva um beijo
Sendo elle de feição.

* 896

Canta o melro no loureiro
E o pisco no vallado;
O sacristão, na capella;
O fadista, canta o fado.

* 897

Fui-me deitar a dormir
Para ver e que sonhava...
Sonhei c'omen amorsinho,
Que a maré o levava.

* 898

Semei no meu quintal
A semente do repolho;
Nasceu uma velha careca
E muito torta d'um olho.

* 899

O meu amor *onte* á noite,

Pela vida, me jurou:
Que se ia *botar* ao mar...
S'elle vai tambein eu vou.

* 900

Meu amor procura agrado,
Não procures formosura;
Formosura sem agrado
E' viver na noite escura.

* 901

O meu amor *onte* á noite,
Pela porta me passou;
Por *via* das saudades
Nem o chapéu me tirou.

* 902

Eu casei-me por um anno,
Para ver a vida que era;
O anno *baí* acabando...
Quem solteirinho me déra!

* 903

Minha Mãe, pra me casar,
Prometteu-me quanto tinhar:
Chegou ao dar o dote,
Deu-me um quarto de farinha.

* 904

Não ha vida mais alegre
De que a d'un rapaz solteiro,
Andando bem aceiado,
No bolso trazer dinheiro.

* 905

Andas vestida de luto,
Dis-me: quem te morreu?
Se te morreu o amor
Por amor aqui estou eu.

* 906

No jardim d'um velho honraço,
Quatro flores estão;
Sem serem tratadas por mim,
Sem a minha estimação.

* 907

Arrancaram-me o coração
Cá de dentro do meu peito,
No lugar onde elle estava
Nasceu um amor perfeito.

* 908

O meu primo, toca guitarra;
O meu irmão, violão;
Dà-lhe a *balda*, vem cá fóra;

Fica o povo no salão,

* 909

O alecrim de Vianna

Tem a folha recortada:...

Para dôr do cotovello.

Não há coisa mais provada.

* 910

Deus te dê sande nunca,

Cada dia uma doença;

As melhoras na cadeia,

Na tumba a convalescença.

* 911

Adeus, que me vou embora,

O mundo é para os *homes*;

Quantos ficarão dizendo:

Inda tu vás que não tornes.

* 912

Quando sahi da tua beira,

Quatro lenços alaguei;

Até as mangas da camisa...

Toda a *viaje* chorei.

* 913

Engeitas-te-me por pobre,

Eu a ti por um juden;

Vê a differença que vai

Do teu cabedal ao meu.

* 914

Foi ao cemiterio novo,

Entre, e puz-me a chorar

De vêr as campas abertas

Os corpos a enterrar.

* 915

Muito chorei *onte* á noite,

Enchi duas *malgas* verdes

Tudo por causa d'amores...

Quem poder livre-se d'elles.

* 916

O alecrim de Vianna

Colhe-se ás *manadas* cheias;

Tanto custaram a Deus

As bonitas como as feias.

* 917

Hei-de morrer de um tiro,

Ou de uma faca de ponta;

Se hei-de morrer amanhã,

Morro hoje; estou defunta.

* 918

Eu hei de ir ao cen em vida.

Pedir ao Senhor por ti;

Por teu pae, por tua mãe.

Que te criou para mim.

* 919

O' meu amor de tão longe.

Chega-te cá para o perto;

Qu'eu te quero tirar,

Amor deste deserto.

* 920

Aquelle navio novo

Que se fez no estaleiro;

Julga que m'hade levar

Para o Rio de Janeiro.

* 921

O' que rico luar vae

Para colher a marcella;

No campo de *Santantone*

D'aquelle mais amarella.

* 922

Andas muito amarella,

Amarellada de todo...

Para remediar o teu mal,

Cebola e alho pôrro.

* 923

Ahi vem o assucar em ponto,

Ahi vem o póder do briot!

Ahi vem á cere amarella...

Ao longe mette fastio.

* 924

Ai, de mim, que vou a ferros,

Ai, de mim, que a ferros vou;

Ainda me hei de vingar

De quem de mim se vingou.

* 925

Mangericão da janella,

Já poderás ir *seccando*;

Já lá vae quem te regava...

Eu já me vou enfadando.

* 926

O carvalho é *bó* pau,

No anno dá quatro frutos:

Dá bogalhos, bogalhetas,

Landras e maçãs de cuco.

* 927

Toca o sino no inferno,

Vae o diabo á missa,

Trinta diabos te levem .
Se tu me mettes cubiça.

* 928

Tu ao pé de mim és oiro,
Eu, ao pé de ti, sou cõbre;
Mas a bandeira de Deus
A todos nós nos soccorre.

* 929

O meu amor me disse *honte*
Que por elle não chorasse;
Que se *le* queria bem,
Que o não mortificasse.

* 930

Todo o mar corri à roda
C'uma vela branca accesa;
Em todó o mar achei fundo,
Só em ti pouca firmeza.

* 931

O' meu bem, já não quero
Assim com penas amar-te;
São tantos a pretender-me
Que resolvo a deixar-te.

* 932

O meu amor de *agastado*,
Foi às amoras ao matto;
Vem embora meu amor,
Que d'amores já's tãs farto.

* 933

Todo o mar corri á vela,
C'uma ancora na mão;
Em todo o mar achei fundo,
Só no teu coração não.

* 934

No meu lencinho bordado
Os fios unidos 'stão;
Assim minh'alma estivesse
Unida ao teu coração!...

* 935

Fiz a conta, pelos dedos,
Das vezes que te fallei;
Mas tal conta já perdi,
E' cousa que já nem sei.

* 936

Vou-te dar as despedidas,
Que me quero ir deitar;
São horas de recolher,
P'ra amanhã me levantar.

* 937

Tem razão a cantadeira
No seu modo de pensar:
Boas noites meus senhores,
Queiram então desculpar.

938

A mulher é como o vento,
E com o vento *vareia*;
Diz ao homem que não come
Depois de ter a harriga cheia.

939

Quem semeia sempre coihe
Ou cevada ou centeio;
Só eu não posso colher,
Do teu peito um recreio.

940

S. Bartholomeu do Mar
E' padrinho de *Antone*;
Sua mãe assim o quiz
Para o livrar do *demone*.

941

A vinte e quatro d'agosto,
Dia de S. Bartholomeu,
Menina, guarde o meu gado
Qu'o santo lhe guarda o seu.

(Continúa)

SILVA VIEIRA



MODAS E MODINHAS

A) Bailes e jogos de roda

XIV

Canta a rôla, chia a rôla

Quem me dera ter 'ma lima,
Para limar a garganta,
Para cantar como a rôla,
Como rôla ninguém canta.

Canta a rôla, chia a rôla,
Chia a rôla na tapada,
Todos têm, só eu não,
Na funcção a sua amada;
Na funcção a sua amada,
Na funcção o seu amor,

Canta a rôla chia a rôla,
Chia a rôla no vapor.

(*Alemtejo*)

XV

Cantando, ó José, cantando

Amor do meu coração,
Meus suspiros são fataes,
Vem dar fim a meus dias,
Sepultura a meus ais.

Cantando, ó José, cantando,
Cantando, ó José, cantou;
Vae indo, José, vae indo,
Vae indo, que já lá vou.

(*Tras-os-Montes*)

Cantando, meu bem, cantando,
Quem tem farinha tem pão,
Eu não vou á tua casa,
Que não quer o meu João.

(*Alemtejo*)

XVI

Caracões

Inglezezes e francezes,
Holandezes, hespanhoes,
Invejam aos portuguezes
A dança dos caracões.

Caracoes, caracolinhos,
São os nossos amorcinhos.

(*Extremadura*).

XVII

Caridosa

O sol quando quer nascer
A' tua porta vem dar,
Vem pedir obediencia
Dos raios que ha de deitar.

Queridinha,
Menina caridosa,
Cara tão linda
Como a flor da rosa;
Queridinha,

Menina queridinha,
Cara tão linda
Tão bonitinha.

(*Alemtejo*)

XVIII

Carolina, adeus, adeus

Suspiros, ais e dores,
Imaginções e cuidados,
E' o manjar dos amores
Quando vivem ausentados.

Carolina, adeus, adeus,
Carolina, adeus, meu bem,
Meu amor foi p'r'ó Brazil,
P'r'ó Brazil, e logo vem.

(*Tras-os-Montes*)

XIX

Carrasquinha

Esta moda bem cantada,
Cantada como ella é,
Faz saltar velhos e velhas
Do canto da chaminé.

Mathilde, sacode a saia,
Mathilde, levanta o braço,
Mathilde, dá-me um beijinho,
Que eu te darei um abraço;
Eu nunca fiz a ninguem
Carinhos que a ti te faço.

(*Alemtejo*)

A moda da *Carrasquinha*
E' uma moda excellente,
Bota joelhos á terra,
Dá vivas a toda a gente.

Este baile da *Carrasquinha*
E' um baile assignalado,
Bota joelhos em terra,
Fica o povo admirado.

(*Douro*).

A dança da *Carrasquinha*
 E' dançada assim—ao lado,
 Põe o joelho em terra,
 lindo amor,
 Fica tudo admirado.
 Mathilde, sacode a saia,
 Mathilde, levanta o braço,
 Mathilde, da-me um beijinho,
 lindo amor,
 Que eu te darei um abraço.

{*Tras-os-Montes*}

XX

O chapéu novo

Já o sapato me aperta,
 E a meia me dá calor,
 Meu coração me arrebenta
 Se me não falas, amor.
 Eu comprei um chapéu novo
 Para ir a namorar,
 Ai, ai,
 Para ir a namorar,
 O chapéu vae-se rompendo,
 E o amor vae-se acabar,
 Ai, ai,
 E o amor vae-se acabar.

A borda do meu chapéu
 E' de linhas de marcar,
 Em morrendo vou p'r'ó ceu,
 Que já lá tenho logar.
 Eu comprei um chapéu branco
 Para namorar de noite,
 O chapéu branco rompeu-se,
 O amor logrou-o *outro*.

Puz-me a brincar com a rosa
 Piquei-me nos seus espinhos;
 E' bem feito, quem me manda
 A' rosa fazer carinhos?
 Eu comprei um chapéu novo
 Todo feito ao desdem,
 Para ir ver as meninas
 Que juram me querem bem.

{*Alemtejo*}

XXI

O Chiribiu

Esses teus olhos, menina,
 São dois vasos d'alegria,
 Amal-os é meu intento,
 Beijal-os é que eu queria.
 Dança o domiñô,
 Dança o domiñé
 Dança o chiribiu,
 Chiribiu, ai lé.

{*Alemtejo*}

XXII

Chegou, chegou, chegou

Não quero que me dê nada,
 Que eu a ti nada te dou,
 Quero que vivas lebrado
 Do tempo que já passou.
 Chegou, chegou, chegou,
 Agora, agora, agora,
 Chegou ha bocadinho,
 Inda não ha meia hora.

{*Alemtejo*}

XXIII

A Ciranda

A Ciranda foi á fonte,
 E quebrou a cantarinha,
 Anda cá, minha Ciranda,
 Anda cá, Ciranda minha.
 Oh Ciranda, oh Cirandinha,
 Vamos nós a cirandar,
 Vamos dar a meia volta,
 Meia volta vamos dar,
 Vamos dar a outra meia,
 Quem 'stá bem deixa-se estar.

O' Ciranda, oh Cirandinha,
 Vamos nós a cirandar,
 Por amor de ti, menina,
 Outra volta quero dar,
 Vamos dar a outra meia,
 Outra meia é troca o par.

{*Alemtejo*}

XXIV

Compadre Chegadinho

Semei no meu quintal
 A semente do pepino,
 Nasceram-me dois velhinhos
 A bailar o *Chegadinho*.
 Oh Compadre Chegadinho, faz, faz,
 Oh Compadre Chegadinho, fez, fez,
 A moda do *Chegadinho*
 Já não vem cá outra vez.
 Oh Compadre Chegadinho, faz, faz,
 Oh Compadre Chegadinho, fez, fez.

{*Alentejo*}

XXV

A Condessa d' Aragão

- O' Condessa, ó Condessinha,
 O' Condessa de Aragão,
 Dá-me uma das tuas filhas,
 Oh que lindas que ellas são!
- Eu não dou as minhas filhas,
 Nem por ouro, nem por prata,
 Nem por fio de algodão,
 Oh que lindas que ellas são!
- Que alegres que nós viemos,
 E que tristes que voltamos,
 Pela filha da Condessa,
 Que d'aqui não a levamos!
- Volta atraz, ó cavalleiro,
 Que se for's homem de bem,
 Vae lá baixo ao conventinho,
 Escolhe a que te convem.
- Não quer' esta, por ser rosa,
 Nem quer' esta, por ser cravo,
 Nem esta, por ser jasmim,
 Quero esta cá p'rá mim.

{*Alentejo*}

XXVI

O Contrabandista

Olhos pretos amarellos,
 Olhos de todas as cores,
 Olhos de quem quer e gosta,
 Olhos de quem tem amores.
 O' Contrabandista,
 Deixa o tabaco na areia,
 Que lá veem os policias
 A levar-te p'rá cadeia.
 O' Contrabandista,
 Deixa o tabaco no chão,
 Que lá veem os policias
 A levar-te p'rá prisão.

{*Alentejo*}

XXVII

Coradinha

Menina, não te namores
 De homem que já viuou,
 Uma fala, duas falas:
 Mulher que Deus me levou.
 Fala-me, ó rôla, a mim sósinha,
 Verás como ficas coradinha.
 Coradinha, ólaré, ó linda,
 Coradinha, ólaré, limão,
 Dá-me cá esses teus braços,
 Prenda do meu coração.
 Falla-me, ó rôla, a mim sosinha,
 Verás como ficas coradinha.
 Coradinha, ai li, ai lé,
 Li ai lé, 'stás tão corada,
 Eras minha, agora és d'outro,
 Triste bella desgraçada.

{*Tras-os-Montes*}

XXVIII

A Cozinheira

Fui ao jardim de Italia,
 Colher a flor á tulipa,
 Bem tola é a menina,
 Se o seu amor publica.

Olha a rôla, olha a rôla,
 Meu amor, chega-te a mim;
 Minha prima Laureana
 Ha dias que a não vi.
 Aquella cozinheira,
 Que cozinha mal,
 Deixou a cozinha
 E foi falar ao quintal.

Aquella cozinheira,
 Que cozinha bem,
 Deixou a cozinha
 E toi falar ao seu bem.

(*Tras-os-Montes*)

Olha a cozinheira,
 Que cozinha bem,
 Sahiu da cozinha
 P'ra falar ao seu bem.

O seu bem assim que a viu,
 Logo d'ella se agradou,
 Tal foi o lindo modo
 Com que ella lhe falou.
 Dai-me agua, dai-me agua,
 Pelo copo de beber,
 Dá-me, amor, os teus braços,
 Que n'elles quero morrer.

(*Alentejo*)

XXIX

Dá-me os teus braços

Fui á fonte das tres bicas
 Encher o meu cantarinho,
 'Stava lá o meu amor
 Todo triste, encolhidinho.

Basta, sim, basta,
 Meu pensamento,
 Tu és a causa
 Dos meus tormentos.
 Dá-me os teus braços,
 Dar-te-hei os meus,
 Já te yaes embora,
 Meu amor, adeus.

(*Alentejo*)

XXX

Don Solidon

Pombinha branca,
 Ai Don Solidon,
 Cahiu no laço,
 Ai Don Solidon,
 Dá-me um beijinho,
 Ai Don Solidon,
 Dar-te-hei um abraço,
 Ai Don Solidon.

Pombinha branca,
 Cahiu no laço,
 Dáme um beijinho,
 Isso é que eu não faço.
 A pombinha branca
 Lá no mar é verde,
 C'o biquinho aberto,
 Morrendo á sêde.

(*Alentejo*)

XXXI

A Douradinha

Esta noite sahe a ronda,
 Quem serão os rondadores?
 São os olhos do meu bem,
 Os olhos dos meus amores.
 Que lhe importa á douradinha.
 Que lhe importa o meu rapaz?

Ai, douradinha,
 Minha douradinha,
 Ai, douradinha,
 Que faz trás, trás.

(*Alentejo*)

XXXII

Foram ellas, foram ellas

Eu amava-te, ó Cath'rina,
 Se não tôra um senão:
 Seres pia d'agua benta
 Onde todos põem a mão.
 Foram ellas, foram ellas,
 Foram ellas, ó Tyranna,

Foram ellas que roubaram
O derriço ao Gadanha.

(*Alentejo*)

XXXIII

Já lá correm os arames

Anna Marianna Helena
Onde vaes tu, meu amor?
Eu vou ver a estrada nova
Aonde passa o vapor.

Já lá correm os arames,
De Lisbôa a Portugal,
E dizem os machinistas,
Esta linha não vae mal;
Esta linha não vae mal,
Esta linha não combina,
Já lá correm os arames
De Lisbôa á Barquinha.

(*Alentejo*)

XXXIV

Josésito

O José, ó Josésito,
Tens cara de enganador,
Tu enganas as meninas
Com palavrinhas d'amor.

Josésito,
Já te tenho dito.
Que não é bonito
Andar's a namorar;
Chora agora,
Josésito chora,
Que me vou embora,
Para não voltar.

(*Tras-os-Montes*)

XXXV

Lá cima ao castello

Lá cima ao Castello
Se vende aguardente,
Diga-me ó menina,
Se emborracha a gente.

Andando, dobando
Meadinhas d'ouro,
Cahiu-me o novello,
Lá vae o pódouro.

(*Tras-os-Montes*)

Lá cima ao Castello
Se vendem repolhos,
Diga-me, o menina,
Se a saía tem folhos.

Lá cima ao Castello
Se vendem dois peros
Rapazes fadistas
São os sapateiros.

Além mais abaixo
Se vende bom vinho
A d'erreis o copo
Para meu bemzinho;
Para o meu bemzinho,
Para o meu amor,
Além mais abaixo
Se vende licor.

(*Alentejo*)

XXXVI

O ladrão do gato

Se eu soubera ler,
Tinha-te escrevido,
Com tinta e papel,
Pena do sentido.
O ladrão do gato
Comeu-me o toucinho,
Já lá está em casa
Preso p'lo focinho.

Se eu soubera ler,
Tinha-te escrevido,
Com *pena* de lapis
Tinteiro de *arido*.

O ladrão do gato
Comeu-me o chouriço,
Já lá está em casa
Preso p'lo touço.

(*Alentejo*)

XXXVII

Ladrãozinho

O' senhor ladrão,
Venha ligeirinho,
Não queira ficar
Na roda sósinho,
Na rodá sósinho
Não hei de ficar,
Alguma senhora
Me ha de abraçar.

(*Tres-os-Montes*)

Olha o ladrãozinho
Que agora chegou,
Deixem-no roubar,
Que inda não roubou;
Rouba ladrãozinho.
Rouba ligeirinho,
Não queiras ficar
Na funcção sosinho.
Na funcção sosinho
Não hei de ficar,
Alguma das moças
Me ha de abraçar.

(*Alemtejo*)

XXXVIII

Laranja da China

O amor dos homens
E' de pouca dura,
E' como a laranja
Quando está madura.
Laranja da China,
Do jardim do rei,
O casar é doce,
Isso é que eu não sei;
Isso é que eu não sei,
A mim não me importa,
Laranja da China
Lá no meio da horta.

Laranja da China,
A' meza do rei,
Se o casar é doce,

Isso é que eu não sei;
Isso é que eu não sei,
Hei de exp'imentar
Laranja da China
Do meu laranjal.

(*Alemteto*)

XXXIX

Machadinha

Passarinho, abre o bico,
Que te quero ver os dentes,
Inda meus olhos não viram
Perolas tão excellentes.

Machadinha, linda machadinha,
Quem te offendeu, sabendo que
és minha?
Sabendo que és minha, e eu que
sou teu,
Linda machadinha, teu amor sou
eu.

XL

Menina Annica

(*Fogo dos officios*)

O' menina Annica,
Venha abaixo ao seu jardim,
A ver as engommadeiras
A fazer assim, assim.

O' menina Annica,
Venha abaixo ao seu jardim,
Para ver as costureiras
A fazer assim, assim.

O' menina Annica
Venha abaixo ao seu jardim,
Para ver os sapateiros
A fazer assim, assim.

(*Alemtejo*)

Nos ultimos versos de cada cantiga nomeia-se o officio cujo movimento se imita.

XLI

Menina do casabeque

Menina do *casabeque*
Do *casabeque* de chita,
E' bonita, gosto d'ella,
Por ser ella tão bonita.

Menina do *casabeque*,
Do *casabeque* de renda,
E' bonita gosto d'ella,
Essa sim que é minha prenda.

Menina do *casabeque*,
Do *casabeque* de lona,
E' bonita, gosto d'ella,
Andou comigo á azeitona.

(Alemtejo)

XLII

Menina casadoira

A menina que está no meio,
Está na idade de casar,
Queira pois aqui na roda
"Scolher aquelle que lhe agradar.

Não te quero,
Não te quero,
Não me serves;
Só a ti,
Só a ti,
Te hei de amar.

(Alemtejo)

XLIII

A menina vae ao baile

A menina vae ao baile,
Oh vindimal!
Leva saia ou balão,
Brinquem todos, todos, todos,
Brinquem todos que aqui estão.

Sem botinhas de tacão,
Sem saia de cambrainha,
Eu não quero ir ao baile
Sem calça recortadinha.

Minha mãe compra-me um vestido
Meu pae compra-me um balão,
Eu não quero ir ao baile
Sem botinhas de tacão.

(Alemtejo)

XLIV

Meninas de Baleisão

Tens o rosto côr de rosa,
Os olhos da côr do ceo,
Tens o cabello tão lindo,
Não precisas de chapéu.
Ai sim, ai não,
Meninas de Baleisão,
Eu vos peço me não deixes
Com pena do coração.

(Alemtejo)

XLV

Menino Antoninho

O' menino, Antonio,
Menino Antoninho,
Ao dar da mão
Ficará sósinho.

O' senhor do meio
Ande ligeirinho,
Se não quer ficar
Na roda sósinho.

Sósinho não fico,
Nem hei de ficar
Uma dama d'estas
Ha de ser meu par;
Ha de ser meu par,
Ha de ser se o fôr,

Uma dama d'estas
E' o meu amor.

(*Alemtejo*).

XLVI

Morena

Toda a vida desejei
O meu amor tocador,
Agora nas mãos o tenho,
Joséinho meu amor.

Se tu não foras morena,
Levavas abraços meus;
Assim como és morena,
Moreninha, adeus, adeus.

(*Tras-os-Montes*)

XLVII

Olha o que eu tenho passado!

De noite pelas esquinas,
Feito mercador quebrado,
Soffrendo mil caldeiradas,
Olha o que eu tenho passado!

Tenho ganido,
Tenho chorado,
Tenho soffrido
E suspirado;

N'estas trocas e baldrocas,
Olha o que eu tenho passado!

De noite pelas esquinas,
De capote amantilhado,
Soffrendo frios e neves,
Olha o que eu tenho passado!
Tenho gemido, etc.

(*Alemtejo*)

XLVIII

Olhos pretos, olhos pretos

Hei de te amar, amar, } *bis*
Hei de te querer, querer, }

Hei de te tirar de casa } *bis*
Sem a tua mãe saber. }

Olhos pretos, olhos pretos, } *bis*
Os teus olhos pretos são, }
As flores de teus affectos } *bis*
Prenderam meu coração. }

(*Tras-os-Montes*)

XLIX

Oh balancé!

Linda letra é o I,
Que precisa esmaltado,
Com o I é que se escreve
O nome do meu amado.

Oh *balancé, balancé!*
Balancé da Beira-baixa,
Quem falar é o meu amor
Não tem vergonha nem *lacha*.

Oh *blaacé, balancé!*
Oh *balancé* de Lisboa!
Quem falar c'o meu amor
Vae a ver coisa bôa!

Oh *balancé, balancé!*
Oh *balancé* de Coimbra!
Quem falar c'o meu amor
Vae a ver coisa linda.

Oh *balancé, balancé!*
Oh *balancé* do Vedor!
Quem falar o'o meu amor
Vae a andar no vapor.

(*Alemtejo*)

L.

Oh Belem, oh Belemzinho!

Noite escura, noite escura,
Não vejo nada por ella,
Bem podias tu menina,
Deitar luzes á janella.
Oh Belem, oh Belemzinho,
Oh Belem, o Belador!

Vira par troca par,
Vira-te para mim, amor.

(Tras-os-Montes)

LI

Oh que lindo rapazinho!

Adeus, adeus Carrazêda,
'Stás num alto, dá-te o vento,
Tens rapazes como cravos,
Raparigas de espavento.

Oh que lindo rapazinho
Toda a noite aqui andou!
Eu q'ria casar com elle,
Minha mãe não me deixou;
Minha mãe não me deixou,
Meu pae faça o que quizer;
Oh que lindo rapazinho
Para mim que sou mulher!
Para mim que sou mulher,
Para mim que mulher sou;
O que lindo rapazinho
Toda a noite aqui andou!
Toda a noite aqui andou,
Toda a noite a passear,
O' que lindo rapazinho,
Para comigo casar!

(Tras-os-Montes)

LII

O que salero!

Oh que linda moda nova
Que veio para Portugal!
Trouxeram-n'a as hespanholas
No bolso do avental.

Oh que salero!
Oh que salero!
Oh que salero!
Que perfeição!
Sente-se um tique,
Um tique-tique,
Um tique-taque,
No coração.

(Tras-os-Montes)

LIII

O' Julia, ó Julia, ó Julia!

—O' Julia, ó Julia, ó Julia!

—Que é, que é, que é?

Se quer's casar comigo, ó Julia,
Has-de pôr aqui o pé;
Has de pôr aqui o pé,
Has de pôr o pé ligeiro;
O' Julia, ó Julia, ó Julia,
Já não vale o teu dinheiro;
Já não vale o teu dinheiro,
Já não tens o teu valor;
O' Julia, ó Julia, ó Julia,
Has de ser o meu amor;
Has de ser, se Deus quizer;
O' Julia, ó Julia, ó Julia,
Has de ser minha mulher;
Has de ser minha mulher,
Has de ser como eu te digo,
O' Julia, ó Julia, ó Julia,
Tu has de casar comigo.

(Alentejo)

LIV

O' Maria Antunes

O' Maria, Antunes,
Do meu coração,
Vae buscar a capa
Vamos ao sermão.

Oh isso não!
O' Maria Antunes.
Do meu coração!
Oh isso sim!
Oh isso não!

(Alentejo).

LV

O' menica, venha cá

Ora venha, se há de vir,
Que me mato, se não vem,

Ora por que não?
 O' menina venha cá,
 Se vossê cá não vem,
 Eu á noite não vou lá.
 Se não vem até domingo,
 Juro que me vou tambem.
 Ora porque não?
 O' menina, venha cá.
 Se vossê cá não vem,
 Eu á noite não vou lá.

(*Tras-os-Montes*)

Ora vonha, se ha de vir,
 Que me mata, se não vem,
 Já que os meus olhos chegaram
 A querer-lhe tanto bem.

(*Douro*).

Eu não posso mais cantar
 Sem que beba meio quartilho.
 Já se deixa ver
 O' menina venha cá,
 Se ella cá não vem,
 Eu á noite não vou lá;
 Eu á noite não vou lá,
 Eu á noite lá não vou;
 Já se deixa ver,
 O' menina venha cá,
 Se ella cá não vem
 Eu á noite não vou lá.

(*Alemtejo*)

LVI

O' ribola

Martinho de Mello
 Caíu do machinho,
 Deixal-o cair,
 Triste, coitadinho.
 O' ribola tu,
 Que eu já ribolei,
 Casasses-te tu,
 Como eu casei.

(*Alemtejo*)

LVII

Os pratos da cantareira

Quando o rouxinol padece,
 Que é uma ave tão pequen u,
 Que fará meu coração
 Com tanta magoa e pena!
 Os pratos da cantareira
 Todos fazem tlim, tlim, tlim,
 Assim é o meu amor
 Quando está ao pé de mim.

(*Alemtejo*)

LVIII

O' Zabel das Canas

Não sei que fiz ao sol,
 Que não vem á minha rua,
 Hei de me vestir de branco,
 Que de branco veste a lua.
 O' Zabel das canas,
 Dá volta ás gavetas,
 Eu bem sei que tens
 Umas meias pretas.

O' Zabel das canas,
 Dá volta aos bahús,
 Eu bem sei que tens
 Sapatos de trús.

(*Alemtejo*)

LIX

Padeirinhas de Sevilha

As padeiras de Sevilha
 Trouxeram a moda nova,
 Para cantar e bailar
 Como fazem a manobra.

Padeirinhas de Sevilha
 Não comem senão farelos,
 Para trazerem sapatos
 De courinho amarello.

Padeirinhas de Sevilla,
Quando vem a Portugal,
Trazem o seu contrabando
Nos folhos do avental.

Ao som da guitarra,
Ao som da viola,
Dançae, raparigas,
A moda hespanhola.

(*Douro*)

LX

O Paspalhão

Vae colhê' la rosa,
Vae colhêl-a, vae,
Se ella te picar,
Não digas: ai, ail
 Não digas: ai, ail
 Não digas úi, úi!
Vae colhê'la rosa,
Vae colhêl-a, vae;
Eu colhêl-a fui,
Estava em botão;
Quem ficou sem par
E' um paspalhão.

(*Alentejo*).

(Continúa)

A. THOMAZ PIRES.



CANCIONEIRO MINHOTO

(Continuado da col. 72)

942

S. Bartholomeu do Mar
E' padrinho de Maria;
Eu tambem sou afilhada
Da Senhora d'Abbadia.

943

S. Bartholomeu do Mar,
A' porta, tem a balança;

Nunca dei ponto, sem nó,
Nem falla sem confiança.

944

S. Bartholomeu baixou,
Redemunhos n'alto ficou;
Eu quero bem a *Redemunhos*,
Que foi sempre quem brillhou.

945

Senhora das *Necidades*,
Romaria só d'um dia;
Se fosse de tres ou quatro,
Melhor conta me fazia.

946

Senhora das *Necidades*,
E's a joia do meu peito;
A vida do meu amor
Anda por vosso respeito.

947

Senhora das *Necidades*
E' a sete de setembro;
Lembraí-vos de minin, Senhora,
Que eu de vós tambem me lembro.

948

Senhora das *Necidades*,
Senhora tao pequeninha,
Chamai-me vossa afilhada,
Qu'eu vos chamarei madrinha.

949

Senhora das *Necidades*,
O vosso mosteiro cae;
Correi, rapazes, correi,
Tirae-lhe a telha, tirae.

950

Senhora das *Necidades*,
Viva o vosso arraial;
Romaria tao bonita
Nao a ha em Portugal.

951

Senhora dos *Necidades*,
Eu bem alto vol-o digo:
Se me casar este anno,
Venho cá c'o meu marido.

952

Senhora das *Necidades*,
O vosso mosteiro cae;
Maudae-o alevantar
Pe a gente que lá vae.

953

O' Senhora dos Remedios,
Que no alto do monte estaez,
Dae-me um dos vossos anginhos
Que ainda vos ficam mais.

954

O' Senhora dos Remedios,
Com vós tenho devoção;
Nada tenho que vos dar,
Dou-vos o meu coração.

955

O' Senhora dos Remedios,
Que daes aos vossosromeiros?
—Don-lhes agua d'esta fonte,
Sombra dos meus castanheiros.

956

O' Senhora dos Remedios,
Vinde ver a vossa gente;
Senhora dae-lhe remedio,
Qu'ella toça vem doente.

957

A Senhora da Saude
Tudo nos pode dar,
Tem a sua capellinha
Viradinha para o mar.

958

Nossa Senhora da Saude,
De longe vos venho ver,
Que me destes a saude,
Que estava para morrer...

959

Senhora da Saude
Eu bem alto vol-o digo:
Não torno á vossa festa
Sem levar amores commigo.

960

Senhora da Saude,
Hei-de ir lá para o verão,
Em manguinhas de camisa,
Com meu rapaz pela mão.

961

Senhora do Allivio
Eu vivo alliviada;
Com a falla que me destes
Já vivo desenganada.

962

A Senhora de Allivio
Diz que m'hade dar o dote;
Se m'o hade dar em vida,
Dê-m'o na hora da morte.

963

A Senhora da Bonança,
Tem uns sapatinhos brancos
Para passar na praia
Domingos e dias santos.

964

A Senhora da Bonança,
Ella tudo pode dar;
Tem a sua capellinha
Viradinha para o mar.

965

A Senhora da Bonança
Deita fitas a voar;
Deita uma, deita duas,
Todas vão cabir ao mar.

966

A Senhora da Bonança
Tem uma fita no braço,
Que lhe deu um marinheiro
A vinte e cinco de março.

967

O' Senhora da Bonança
Dae-me um amor, sapateiro,
Que eu nao posso andar descalça
Pelas torgas do terreiro.

968

Senhora da Bonança,
Dae-me um amor, alfaiate,
Que me faça um collete
Que de apertado me mate.

969

A Senhora da Bonança,
Tem uma corôa de vidro,
Que lhe deu um marinheiro
Que se viu no mar perdido.

970

Senhora da Bonança
Abri-me a porta, que chove,
Que eu já venho molhadinha
E vosso telhado escorre,

971

Senhora da Bonança,

Aqui vos venbo pedir:
Salvação p'ra minha alma,
Graça para vos servir.

972

Da minha janella peço
A' Senhora da Bonança,
Que me traga o meu amor
Qu'anda por terras de França.

973

Senhora da Bonança
Tem uns sapatinhos brancos,
Para passeiar na areia
Domingos e dias santos.

974

Abaixa-te Faro d'Anha,
Quero vêr o S. Lourenço;
Quero vêr o meu amor
Acenar-me com o lenço.

975

O Senhor de Mathosinhos
Mandou dizer ao de Faó:
Que lhe mandasse pescada,
Que não queria mais cação.

976

O Senhor de Mathosinhos
Mandou dizer ao de Faó:
Que dissesse ao de Barcellos
Que todos eram irmãos.

977

Mandaste-me esperar
Na capella de S. Braz,
Esperei e não vieste;
Tens palavra de rapaz.

978

Senhora do Desterro
Que desterrou a b-lota,
Desterra-me o diabo
P'ra longe da minha porta.

979

Minha Senhora da Graça,
Dae-me graça no cantar;
Minha mãe é muito pobre,
Não tem dote para me dar.

980

Nossa Senhora da Graça,
Por Jesus Christo te peço,

Que não fulmines quem passa
Com esse olhar tao travesso.

981

Senhora das Boas Nôvas
Dae-me novas do meu bem,
Que não posso estar «atida»
A migalhas de ninguem.

982

Valha me Nossa Senhora,
A Virgem da Piedade;
Ella me queira valer
Em qualquer afriedade.

983

E' certo que esse teu nome
Serve a muita pecadora;
Tambem é certo—Maria
Se chama Nossa Senhora.

984

O' meu rico Santo Antonio,
Sempre me estaes a guardar;
Eu nao me posso ver livre
Do diabo me tentar.

985

Milagroso Santo Antonio,
A vossa lingua é bendita;
Fazei que a vossa doutrina
Na minha alma fique escripta.

986

Glorioso Santo Antonio,
Resplendor de Portugal,
Valei-me, patrocinae-me,
Que eu sou vosso natural.

987

Glorioso Santo Antonio,
O vosso favor imploro;
Nao vos esqueceis de mim,
Qu'eu n'este desterro moro.

988

Glorioso Santo Antonio,
Luz do mundo, refulgente;
Dae-me luzes com que possa
Ver-vos sempre eternamente.

989

Meu rico Senhor da Pedra,
Tanto me dôe a barriga...
Eu não sei que trago n'ella.
Se é rapaz, se rapariga,

990

Tanto me dôe a barriga
 Minha Senhora da Hora...
 Quem tem amor com'o meu
 Está livre de penhora.

991

Senhora d'Agua de Lupe,
 Moraes no monte de Gandra;
 Trazei o meu amorsinho,
 Qu'eu não sei por onde elle anda.

992

Senhora d'Agua de Lupe
 Cazai-me c'um sapateiro,
 Para me fazer chinellas
 E não me levar dinheiro.

993

Fui ao Santo Amaro
 Metti um osso n'um pé:
 Diga-me ó minha menina,
 Santo Amaro onde é?

994

Se fores a Santo Amaro
 Traz-me um *Santamarinho*;
 Se não poderes c'um grande,
 Traz-me um mais pequeninho.

995

Da minha janella reso
 A' Senhora das Areias;
 Que me traga o meu amor
 Qu'anda por terras albeias.

996

Apagastes a candeia
 Que estava no corredor,
 Agora deita-te só,
 A's escuras meu amor.

997

Fecharam-me a minha terra
 Com montanhas ao redor;
 Ai de mim ficou lá dentro
 Fechadinho o meu amor.

998

Se meus tristes ais voassem,
 Daria mil cada hora;
 Iriam bater no peito
 De quem me lembrou agora.

999

Ha muito já que sustento

No peito um intimo altar;
 E's tu a santa a quem venho
 A todo o instante adorar.

1000

Meu coração tem areia,
 Eu vou-o mandar cavar,
 Para semear suspiros
 De te não poder fallar.

1001

O' minha caninha verde,
 Verde cana no botão;
 Sim senhora, nao senhora,
 Foi a minha criação.

1002

Minha mãe, minha mãesinha,
 Eu queria ser beata;
 O Manoel do visinho
 Com seus carinhos me mata.

1003

A carta que me escreveste
 Foi rasgada aos bocadinhos;
 Teu retrato foi queimado
 Na cosinha dos visinhos.

1004

No livro da tua vida
 Ha uma folha enluctada;
 Um sacrificio, um tormento,
 Uma affeição desgraçada.

1005

Debaixo do frio chão,
 Onde o sol nao tem entrada,
 Abre-se uma sepultura,
 Melte-se uma desgraçada.

1006

No cume d'aquelle monte
 Plantei uma roseira;
 Quanto mais a rosa cresce,
 Quanto mais o cume cheira.

(Continúa)

SILVA VIEIRA



GITOS E MAXIMAS

De Espozende

Velho como a Sé de Braga.

MODAS E MODINHAS

A) Bailes e jogos de roda

LXI

Pobre pastor que aqui chegou

Lá cima naquella serra
 Andam dois coelhos bravos;
 Já é tempo que se juntem
 Dois corações desejados.
 Pobre pastor que aqui chegou,
 O modo, o geito e a graça *{bis}*
 Com que vossê me enganou!
 Nestas cadeias
 Nos ajuntêmos,
 Em ternos braços
 Nos abracêmos.

O pastor que viu
 Logo lhe acenou,
 Esse modo e lindo geito *{bis}*
 Com que vossê me enganou!
 Dáe-me agua, dae-me agua,
 Por um copo de beber, *{bis}*
 Dá-me cá os teus braços,
 Que nelles quero morrer. *{bis}*

(Tras-os-Montes)

LXII

Ponha aqui o seu pésinho

Ponha aqui o seu pésinho,
 Ponha aqui ao pé do meu,
 Ao tirar do seu pésinho
 Ai Jesus que lá vou eu!

Ponha aqui o seu pésinho
 Ponha aqui, ó seu diabo!
 Ao tirar do seu pésinho
 E' que a porca torce o rabo!

{Alentejo}

LXIII

A rolinha chora, chora

Lá na borda do caminho
 Lá na borda do vallado,
 A rolinha chora, chora,
 Furtaram-lhe o namorado. *{bis}*

A rôla se vae queixando
 Que lhe tiraram os ovos,
 Não os puseras tu, rôla,
 Tanta á vista dos olhos. *{bis}*

A rôla se vae queixando
 Que lhe tiraram o ninho,
 Não o fizeras tu, rôla,
 Tanto ao pé do caminho. *{bis}*

A rolinha, pois, sim, sim,
 Caiu no laço, meu bem;
 Da-me um beijo, sim, dou, dou
 Dá-me um abraço tambem. *{bis}*

LXIV

As Saias

Canto saias, bailo saias,
 Em saias ando bailando,
 Gosto de bailar as saias
 Com quem as anda trajando.

Meu bem,
 O' José José,
 Ando encantada
 No teu *cachiné*;
Cachiné,
 No teu *cachiné*
 Meu bem,
 O' José, José.

Estas são as saias novas
 Que chegaram á cidade,
 São dançadas e bailadas
 No Senhor da Piedade.

Ai lé,
 Maria, Maria,
 Essa tua cara
 E' a luz do dia;
 Luz do dia,
 E' a luz do dia,
 Ai lé,
 Maria, Maria.

Balhem saias, *balhem* saias,
 Usem fitas, usem fitas,
 Eu gosto de *balhar* as saias
 Com quem. as usa bonitas.

Ailé,
 O' amor, amor,
 Hei de te levar
 Para onde fôr;
 Onde fôr,
 Para onde fôr,
 Ailé,
 O' amor, amor.

Canto saias, bailo saias,
 Canto chitas, bailo chitas,
 Se quer que eu baile saias,
 Traga-me moças bonitas.

Ailé,
 E' um regalinho
 Falar ao amor
 Quando está sósinho.
 'Stá sósinho,
 Quando está sósinho,
 Ailé,
 E' um regalinho.

Estas é que são as saias,
 Estas é que são as taes,
 Que trouxeram as camponeza
 Nas pontas dos aventaes.

Ailé,
 Quinta da Provença.
 No *cante* das saias
 Não ha que te vença;
 Quem te vença,

Não ha quem te vença,
 Ai lé,
 Quinta da Provença.

(*Alemtejo*)

LXV

Se eu quizera amores

Se eu quizera amores,
 Tinha mais de cem,
 Mas não quero amores,
 Que eu assim 'stou bem.

Se eu quizera amores,
 Tenho mais de um cento,
 Mas tenho só um
 Que me dá alento.

Se eu quizera amores
 Tenho mais de um cento,
 Bonecos de palha,
 Cabeças de vento.

Se eu quizera amores,
 Tinha-os aos punhados,
 Mas não quero amores,
 Que não quero cuidados.

Se eu quizera amores,
 Tinha mais de um moio,
 Mas tenho só um,
 Que é trigo sem joio.

Se eu quizera amores,
 Tinha mais de trinta,
 Mas tenho só um,
 'Stou na minha quinta,
 Co'a bengala na mão,
 E o relógio á cinta.

Esta é que é a moda
 Que a Ritta cantou,
 Lá na praia nova
 Ninguem lhe ganhou;
 Ninguem lhe ganhou,
 Ninguem lhe ganhava,

Esta é que é a moda
Que a Ritta captava.

(*Alemtejo*)

LXVI

Sou lavadeira

Amar e ter amante
Ensinou-me quem sabia,
Amar a natureza
E escolher a sympathia.

O pedreiro cheira a cal,
O carpinteiro á madeira,
Cada qual no seu officio,
Eu tambem sou lavadeira;
Eu tambem sou lavadeira,
E layo no rio Jordão,
Lavo saias de entremeio,
Tambem lavo o meu balão;
Cada qual no seu officio,
Tambem lavo o meu calção.

(*Tras-os-Montes*)

LXVII

Trás, trás, vira-te ao norte

Carvoeiras, carvoeiras,
Retirae-vos para o canto,
Que lá vem as camponezas
Vestidas de azul e branco.

Trás, trás, vira-te ó norte,
Trás trás, já estou virado,
O luxo das camponezas
E' o lencinho encarnado;
E' o lencinho encarnado,
E' o lenço carmezim,
Trás, trás, vira-te ó norte,
Meu amor, vira-te a mim.

Trás, trás, vira-te ó norte,
Trás, trás, já me virei,
O luxo das camponezas
E' lindo que eu bem no sei.

(*Alemtejo*)

LXVIII

Tyranna

Tyranna quando nasceu
Logo um doce desejou,
Quem é que não ha de ser doce
Quem com doce se criou!

Eu já vi estar a Tyranna
Assentada numa telha,
Oh que ella está tão corada!
Oh que ella está tão vermelha!

A Tyranna morreu hontem,
Foi-se enterrar ao paraizo,
Deixou-me uma saia velha,
Não posso chorar com riso.

Olé, ó linda Tyranna,
Volta já, e já voltou;
Eu vou para ti e foges,
Eu p'ra soldado não vou.

Tyranna, volta Tyranna,
Tyranna do arvoredó;
Agora vou degradada,
Vou cumprir o meu degredo.

Tyranna, volta Tyranna
Tyranna do *ailarú*;
Dormi contigo na cama,
D'isso te não gabas tu.

Tyranna, linda Tyranna,
Tyranna, olé, olé,
Eu vou para ti, tu foges,
Isso que diabo é?

(*Douro*)

LXIX

Uma libra, duas libras d'ellas

O anel que tu me deste,
No domingo da Trindade,
No dedo fica apertado,
E bem largo na amizade.

Uma libra, duas libras d'ellas,
 Oh que lindas, bellas!
 Oh que lindas bellas!
 São de cavallinho;
 Sou firme sou diligente,
 Sou leal ao meu bemzinho.

Aqui estou á tua beira,
 E mais tu não me conheces,
 Sou aquelle amante firme,
 Que tu na vida tiveste.

Oh que duas libras!
 Oh que duas bellas!
 São de cavallinho,
 São amarellas,
 São da côr do vinho
 De Cabanellas.

(*Minho*)

LXX

Valverde-ladrão

O' Valverde, ó Valverde,
 O' Valverde-ladrão,
 Rouba agora a moça,
 Que tens occasião.

Já cá vae roubada,
 Já cá vae na mão,
 Já cá vae mettida
 No meu coração.

O' Valverde, ó Valverde,
 O' Valverde-ladrão.
 Que *roubastes* a menina
 Nesta mesma occasião.

O' ladrão roubado,
 Quem te roubaria?
 'Ma menina d'Elvas
 Chamada Maria.

As meninas d'Elvas
 Foram as primeiras
 Que assentaram praça,
 Juraram bandeiras.

As meninas d'Elvas
 Vão á missa á Graça,

De capote rôto,
 Com toda a chalaça.

As meninas d'Elves
 Vão á missa á Sé,
 De capote rôto,
 Chinelo no pé.

As meninas d'Elvas
 São minhas madrinhas,
 Dae-lhes *soidades*
 E visitas minhas.

As meninas d'Elvas
 São minhas comadres,
 Se por lá passares
 Dae-lhes *soidades*.

As meninas d'Elvas
 E as de Anadia
 Assentaram praça
 Na infantaria.

As meninas d'Elvas
 E as do Fundão
 Assentaram praça
 No meu batalhão.

Hei de ir a Elvas
 Tres vezes no dia,
 Só p'ra ver a tropa
 De cavallaria.

Hei de ir a Elvas
 Tres vezes no anno,
 Só p'ra ver a tropa
 Do rei castelhano.

Se fores a Elvas,
 Vae devagarinho
 Olha lá não cáias
 No tal barranquinho.

Se fores a Elvas,
 Vae com geitinho,
 Cuidado não cáias
 No tal barranquinho.

Furta ladrãozinho,
Furta ligeirinho,
Olha lá não caias
No tal barranquinho.

No tal barranquinho
Não hei de cair,
Que as meninas d'Elvas
Me hão de acudir.

Se fores a Elvas
Trazei-me um saiote
De barra amarella,
Que me não debote.

Se fôres a Elvas
Vae a Piedade,
Que é a melhor coisa
Que tem a cidade.

Se fores a Elvas
Vae a Conceição,
Que lá 'stá no alto
Perto da prisão.

Se fores a Elvas
Vae á Conceição,
Que é a melhor coisa
Que tem a nação.

Se fôres a Elvas,
Vae com cuidado
Elvas 'stá minada
De polvora e soldados.

Se fores a Elvas,
Vae lá cima ao forte,
Onde os hespanhoes
Temeram a morte.

A' entrada d'Elvas
Uma voz ouvi,
Prendem-me p'ra soldado,
Que será de mim!

A' entrada d'Elvas
Achei uma agulha,

Com ella marquei:
Viva a formosura.

A' entrada d'Elvas
Achei uma agulha,
Com letras que dizem:
Viva D. Julia.

A' entrada d'Elvas
Achei um anel,
Logo fui dar parte
Ao meu coronel.

A' entrada d'Elvas
Achei um dedal,
Logo fui dar parte
Ao meu general.

A' entrada d'Elvas
Achei um limão,
Com letras que dizem:
Viva D. João.

A' entrada d'Elvas
'Stá um edital
Com letras que dizem:
Viva Portugal.

A' entrada d'Elvas
Achei uma fita
Com letras que dizem:
Viva D. Rita.

Mal o haja Elvas,
Tudo p'ra lá vae,
Não ha de lá ir
Filho de meu pae.

O' Elvas, 6 Elvas,
Convento de freiras,
Eu sou capitão
Das moças solteiras.

O' Elvas, 6 Elvas,
Convento de freiras,

Arrecolhimento

Das moças solteiras.

O' Elvas, ó Elvas,
O nome te basta,
E's mãe p'r'ós de fora
P'r'ós da terra madraita.

O' Elvas, ó Elvas,
Arrazada sejas,
De cravos e rosas
Maçãs e cerejas.

O' Elvas, ó Elvas,
Badajoz á vista
Já não faz milagres
S. João Baptista.

O' Elvas, ó Elvas,
Com seus olivaeis,
Já não sou, amor,
De quem vós cuidaes.

O' Elvas, ó Elvas,
Já lá estive dentro,
Men amor cá fora
Passando tormentos.

Ai lé,
O' Elvas, ó Elvas,
Não tenho ninguem,
Sou filha das ervas.

Ai lé,
O' Elvas, ó Elvas,
A minha amizade
Ainda a conservas.

Mal o haja Elvas,
Tanta peça tem,
Todas embocadas
Ao meu lindo bem.

Eu cuidava que Elvas
Era um curral,
E' praça fechada
De areia e call.

Eu cuidava que Elvas
Era uma aldeia,
E' praça fechada
De call e areia.

O meu bem 'stá preso
Na cadeia de Elvas,
Quando de lá sair
Vem da côr das ervas.

Os soldados d'Elvas,
São como mosquitos,
Em indo p'r'a guerra
Parecem palmitos.

Elvas, ó Elvas,
Não tem medo, não,
Elvas tem um forte
Por baixo do chão.

O forte da Graça
Anda numa onda,
Fugiram os presos
Da casa redonda.

O forte da Graça
Tem duas ladeiras,
Uma p'r'ás casadas,
Uma p'r'ás solteiras.

Ai lé,
Se fores ao forte
Virás as bandeiras
Viradas ao norte.

O rapaz, tu és pimpão,
Tens a falla muito fina,
Sabes cantar ó ladrão,
E não sabes a doutrina.

(Alentejo)

LXXI

Vamos seguindo sempre

Entre bosques e rochedos
Tu juraste e eu jurei,

Que me eras muito grato,
 E és-me falso, bem o sei.
 Vamos seguindo sempre
 Por esses caminhos,
 Que a manhã vae rindo
 Nos labios da aurora.

{*Tras-os-Montes*}

LXXII

A Vassoirinha

Sempre, sempre em movimento, *{bis}*
 A vassoirinha varre o chão,
 O abano faz o vento *{bis}*
 Para accender o fogão.

Rica vassoira,
 Rica vassoirinha,
 Rica vassoira,
 Quando s'rás minha?
 Varre, varre,
 Q'rida vassoirinha,
 Abana, abana,
 Meu abanador;
 E tu, abano,
 Passaste a varredor.

Anda cá, ó pobresinha, *{bis}*
 De varrer triste condão,
 Anda cá, ó vassoirinha, *{bis}*
 Vem varrer meu coração.

Rica vassoira, etc.

{*Alentejo*}

LXXIII

O Verde-gaio

A moda do *Verde-gaio*
 E' bonita, toca bem,
 Faz arrebentar o corpo
 Por quantas ilhargas tem.
 O *Verde-gaio* é meu,
 Que me custou bom dinheiro:
 Quatro patacas e meia

Lá no Rio de Janeiro.

{*Alentejo*}

LXXIV

O Vira-vira

Meninas dançae e *Vira*,
 Que lá vem a viração;
 Eu já vi dançar o *Vira*
 Na noite de S. João.
 O' moças, ó moças,
 Quem vira, quem vira?
 Quem suspira, chora,
 Quem chora, suspira.

O' moças virae, virae,
 Que lá vem a viração,
 Que lá vem os marujinhos
 A cheirar a alcatrão.

O' *Vira* é *Vira*,
 O' *Vira* do Minho,
 Dancemos o *Vira*
 Mais devagarinho.

A moda do *Vira-vira*
 Quem as havia de inventar?
 Foi os presos da cadeia,
 'Stão á sombra, tem vagar.

{*Minho*}

LXXV

A Viuvinha

Além vem a viuvinha,
 Ella alem vem a a chorar,
 E' bem feito, não ha de achar,
 Não ha de achar com quem casar.

Seu viuvinha
 Das bandas d'além,
 Quero casar,
 Não acho com quem;
 Nem contigo,
 Nem contigo,
 Sô contigo.
 Meu lindo bem.

Viuva, triste viuva;
Viuva, triste coitada,
Que por dar contas ao mundo
Vive só e abandona-la.

Sou viuvinha
Das bandas de fora,
Quero casar
Mas *veja* por ora;
Nem contigo,
Nem contigo,
Só contigo,
Meu lindo bem.

Tenho dó da viuvinha,
Que elle ainda tem valor,
Deus levou-lhe o seu marido,
Deixou-lhe no peito amar.

Sou viuvinha
Das bandas d'aqui,
Quero casar
Não acho madrinha;
Nem contigo,
Nem contigo,
Queres-me tu,
Meu lindo bem?

Já levaste um cabaço,
Dois ou tres has de levar,
E' bem feito, não has de achar,
Não has de achar com quem casar.

Inda bem que já achaste
Noivo para casares,
Meia volta darás ao par
P'r'ó lebares ao seu lugar.

(Alentejo).

B) Canções das ruas

LXXXVI

A criada que é janota

A criada que é janota
Tambem usa o seu cordão,
Quando taz a cama ao noivo

Dá beijinhos ao patrão.

As criadas de hoje em dia
Todas usam seu cordão,
Fazem festas á patroa,
Dão beijinhos ao patrão.

(Alentejo)

LXXXVII

Adelaidinha

O' Delaide, ó Delaidinha,
Quem namora, aperta a mão,
Inda espero que tu sejas
Chavé do meu coração.

(Tras-os-Montes)

O' Delaide, ó Delaidinha,
Olha o que teu pae te diz:
Não te encostes á vaidade,
Que inda podes ser feliz.

—O' Delaide, Adelaidinha,
Tua mãe está-te a chamar.
—Eu agora não vou lá,
Que tenho que namorar.

Já morreu a Delaidinha,
Já lá vae a enterrar,
A quem deixaria ella
O ferrinho de engommar!

(Alentejo)

LXXXVIII

Afasta, janota, afasta

O' que linda fita verde
Eu tenho no meu roupão!
Afasta, janota, afasta,
Deixa passar o balão.

Que linda fita da moda,
Eu tenho na minha saia,
Afasta, janota afasta,
Que o balão é de cambraia.

O' minha *Farrapeirinha*,
 Como se chama o teu homem?
 Chama-se batata assada,
 Sem azeite não se come.

(Douro)

Vá de ginguêro, ó Gingo,
 Vá de ginguêra, ó não,
 Quem quizer dançar o *Gingo*
 Vá de roda de S. João.

(Alemtejo)

O' Giralda, ó *Giraldinha*,
 Vamos nós a giraldar,
 Lá no meio da azeitona
 Dança a pombinha no ar.

(Alemtejo)

Já não quero mais ameixas
 Do quintal de D. Rita,
 Se ella lá vae dar comigo,
 Faz-me dançar *La chica*.

(Douro)

Venha pão e azeitonas,
 Estamos na nossa quinta,
 Bailêmos o *Sapatado*,
 Sem tirar relógio e cinta.

(Alemtejo)

A modinha da *Cegada*,
 E' uma modinha alegre,
 Ella mesmo vae dizendo:
 Que te espalha que te cogue.

(Douro)

Cantos populares

CANTIGAS NUMERATIVAS

4 com 5 são 9,
 9 com mais 3 são 12;
 Se eu deixava o meu amor,
 'Stava uma de 14.

4 com 5 são 9,
 Para 12 faltam 3;
 Se te faltei algum dia,
 Aqui me tens outra vez.

4 com 5 são 9,
 9 e 9 são 18,
 Quem dera ver-te, menina,
 Nas pontinhas de 28.

4 com 5 são 9,
 9 e 9 são 18;
 Quem te agarrara, menina,
 Na idade de 28.

4 com 5 são 9
 '20 e 20 são 40;
 Como sabe se eu sou firme,
 Se vossê me não exp'rimenta?

4 com 5 são 9,
 Mais amores tenho eu;
 Se eu quizesse, mais teria,
 Foi sorte que Deus me deu.

4 com 5 são 9,
 Com mais 9 são 18,
 Com mais 6 são 24,
 Com mais 4 são 28.

4 com 5 são 9,
 A conta não quer mentir;
 Bem tolo é quem se mata
 Por criadas de servir.

4 com 5 são 9,
São duas contas iguaes;
As criadas de servir
São tão boas como as mais.

4 com 5 são 9,
Já se findou a novena;
Amei-te com tanto gosto,
Deixei-te com tanta pena!

Eu d'amores tenho 11,
10 e 9, 8 e 7,
6 e 5, 4 e 3,
De 2 só 1 me compete.

Tenho 23 amores,
Falta 1 p'ra 24,
Em chegando ao quarteirão
Vendo todos a pataco.

Tenho 23 amores,
Comtigo são 24,
A todos digo que sim,
Só a ti é que não falto.

Tenho 24 amores,
Tenho 24 cravos,
Só 1 trago no sentido,
Todos os mais enganados.

Tenho 24 lenços,
23 são encarnados,
Tenho 24 amores,
23 são enganados.

Tenho 24 damas
Como 24 flores,
6 Annas, 6 Mariannas,
6 Zefas, 6 Liaiores.

Tenho 1 amor, tenho 2,
Tenho 3, e tenho 4,
Tenho 5, esse é firme,
Tenho 6, não me retracto.

Eu tenho 5 namoros,
3 de manhã, 2 de tarde,
A todos elles eu minto,
Só a 1 falo verdade.

7 annos andei de amores,
Outros 7 inda hei de andar,
7 e 7 são 14,
Amores me hão de matar.

Amar 1 não é prazer,
Amar 2 é cobardia,
Mas amar a meia duzia,
Isso sim que é phantasia.

Tenho 3 lenços de seda,
Dois azues, 1 encarnado,
Tambem tenho 3 amores,
1 firme, 2 enganados.

Eu tenho 4 vestidos,
1 branco, 3 encarnados,
Tambem tenho 4 amores,
1 firme, 3 enganados.

Que é do lenço que te dei
Com 24 borletas,
6 brancas, 6 amarellas,
6 encarnadas, 6 pretas?

Tu, ingrato, amas a duas,
Tambem podes amar 3,
Tambem podes amar 4,
Cada uma por sua vez.

Com 8 letras se escreve
O lindo nome de Marianna,
Com 4 tambem se escrevem
Os de Rosa, Iria e Anna.

Ha 3 dias que não janto,
Ha 4 que não almoço,
E ha 5 que te não vejo,
Meu amor, por que não posso.

A's 10 horas parte a náu,
A's 11 se põe á véla,
A's 12 parte o amor,
Meu lindo bem, d'esta terra.

Puz-me a contar ás avessas
As pedras d'uma columna:
Contei 7, 6 e 5,
4, 3, duas e uma.

5 com 5 são 10,
Não vi continha mais justa;
Mulher bonita, casada,
Passar a vida lhe custa.

3 á agua, 3 á fonte,
3 ao mato, e 3 á lenha,
7 que ficam aqui,
9 vão a ver quem venha.

Tomem nota, meus senhores,
De falar aqui estou foito,
'Stando esta familia junta
Vinham a ser 28.

A' uma hora nasci,
A's duas fui baptisado,
A's 3 andava d'amores,
A's 4 estava casado;

A's 5 estava doente,
A's 6 estava adoentado,
A's 7 já estava morto,
E ás 8 sepultado.

CONCEITO POPULAR DE CUPIDO

O Cupido é um ladrão,
Que veio a Portugal,
Veio trazer mal d'amores,
Que cá não havia tal.

Dois corações bem unidos
Vem Cupido a enlaçar,
Pois é justo que te lembres
Que nasci para te amar.

Dois corações unidos
Cupido quiz ligar,
E' justo que te alembres
Que nasci para te amar.

Para que, cruel Cupido,
Me féres com teus farpões?
Fere tambem esse ingrato,
Fere aos dois corações.

Cupido quando nasceu
Logo doce desejou,
Como não pode ser doce
Quem do amor se criou?

Cupido quando nasceu
Nasceu nu, sem paciencia;
Do amor nasce o ciume,
Do ciume a malquerença.

Cupido, rei dos amantes,
Tende de mim piedade,
Que me vejo sem amores
Na *felor* da minha idade.

O' Cupido, rei das flores,
Tem tu de mim piedade,
'Stou despresado de amores
Na *felor* da minha idade!

O Cupido é quartel-mestre,
Dá quartel aos seus soldados,
Bem poderas tu, Cupido,
Dar quartel aos meus cuidados.

O Cupido é quartel-mestre,
Apprendeu a cravador,
Para cravar diamantes
No peito do meu amor.

Cupido é quartel-mestre,
Apprendeu a cravador,
Para acravar diamantes
No peito do seu amor.

Na escola de Cupido
Sete annos nella andei,

O Cupido foi meu mestre,
Vê lá tu se eu saberei.

Cupido, meu Cupidinho,
Cupido, meu maganão,
Vossê é mestre d'amores,
Dê-me cá uma lição.

Atira, Cupido, atira,
Atira, não tenhas dó,
Mata-me aquelle ingrato,
Que se foi, deixou-me só.

Hei-de escrever a Cupido,
Mandando-lhe procurar
Se um coração offendido,
Tem obrigação de amar.

Cupido vae pela serra
Descalço, pisando flores,
Vae gritando em altas vozes:
Viva quem sustenta amores.

Cupido vae pela serra
Descalço, pisando flores,
Vae andando, vae dizendo:
Morra quem não tem amores.

Fui á escola de Cupido,
E para amar apprendi;
Com pena de te não ver,
Uma carta te escrevi.

Na escola de Cupido
Não se dão palmatoadas,
Dão-se abraços e beijinhos,
Que são prendas delicadas.

No tribunal de Cupido
Me fizeram julgador;
Não sei como haja quem dê
Sentenças contra o amor.

Se eu podera esclarecer
O que me occorre ao sentido,
Seria juiz de direito
No tribunal de Cupido.

Nesse mesmo tribunal
Me fizeram julgador,
Não accitei, por não dar
Sentenças contra o amor.

No tribunal de Cupido
Apprendi a lei de amante,
Deu-me o amor um combate,
Valeu-me o ser estudante.

O' meu amor, se te vires
No tribunal do amor,
Peço-te que não despreses
As mocinhas do Vêdor.

O' meu amor, se tu fôres
Ao tribunal das formosas,
Apega-te ás trigueirinhas,
Que as brancas são enganosas.

O' meu amor, se te vires
No tribunal das formosas,
Não te enlevés nas branquinhas,
Que são muito melindrosas.

Tu chamaste aos meus cabellos
Cannavial de Cupido,
Tambem eu chamei aos teus
Laços que me tem prendido.

Cupido, dos céos baixando,
Em doirado coche vem,
Traz tintas para fazer
O retrato do meu bem.

O encarnado é guerra,
Que d'elle traja Cupido,
O azul é paciência,
Deus m'a dê para contigo.

Hei-de escrever a Cupido
Nas azas que o pombo fecha,
Mandando-lhe perguntar
A causa por que me deixas.

Cupido doe-se d'uma asa,
D'uma penna que perdeu,

Cupido sempre dá penas
A quem sem pennas nasceu.

Eu passei e vi Cupido
Entre as pedras a chorar,
Ao passar por elle, disse:
E' bem feito, torna a amar.

Cupido anda de noite
Causando perturbação,
A todos fazendo guerra,
Aqui d'el-r-i, ó ladrão!

Cupido é muito travesso,
Tem perverso coração,
Tem brinquinhos de rapazes,
Tira a seta, esconde a mão.

O Cupido anda ás cegas,
Cahe aqui, cahe acolá;
Em má hora eu te amei,
Em má hora, hora má.

CONCEITO POPULAR DAS CORES

(Cantigas alemtejanas)

Amarello, amarello,
Amarello, linda côr,
Quem se veste de amarello
Desespera do amor.

Amarello é desespero,
O verde é côr d'esp'rança;
Mariquinhas trago sempre,
Sempre, sempre na lembrança.

Amarello, côr de oiro,
Significa paciência;
Não podes falar comigo,
Faze, amor, a diligencia.

O amarello debota,
O encarnado perde a côr,
Tambem eu já perdi
A amizade ao meu amor.

Menina do amarello
E do encarnado no peito,
Des'java que houvesse guerra,
P'ra p'lejar por seu respeito.

Tu trazes lenço encarnado,
Trazes guerra em teu peito,
Não se me dá de ir á guerra,
Sendo ella por teu respeito.

O encarnado é vingança,
Que se vinga do amarello;
Não te amo por vingança,
Mas pelo bem que te quero.

Eu gosto do encarnado
Só pela vista que faz;
Que voltas darei eu hoje
P'ra falar ao meu rapaz?

As portas da minha casa
São pintadas de encarnado,
E' esta uma das côres
De que mais tenho gostado.

O encarnado se queixa
Que não tem bonita côr,
Viva o roxo, côr do lirio,
Na ausencia do amor.

O encarnado é fogo,
Eu não me quero queimar;
O roxo é paciencia,
Deus m'a dê para te amar.

O encarnado é guerra,
Quem o usa quer brigar;
Mas o roxo é paciencia,
Deus m'a dê para te amar.

O encarnado é guerra,
Vae na prôa do navio;
Vae-te embora, encarnado,
Deixa vir o alvadio.

Do encarnado que eu vejo
Hei de fazer um vestido;

O azul é paciência,
Deus m'a dê para contigo.

Encarnado, encarnado,
Quem o usa faz figura;
Quem me dera já chegar
A ser d'essa tua altura.

O encarnado é guerra,
De guerra é a tua saia;
Ainda não fui a Hespanha,
Porem já passei a raia.

O encarnado é guerra,
O azul é paciência,
O verde dizem que é esp'rança,
O roxo escuro é prudência.

O encarnado *estreluz*,
O branco de noite alveja;
O meu coração, amor,
Ao pé de ti se deseja.

O' vermelho, ó vermelho,
O' vermelho das casadas,
O verde das solteirinhas,
O branco das namoradas.

Semei o roxo n'agua,
O encarnado na areia;
A' vista d'esses teus olhos
Quem tem juízo *varcia*.

Hei de me vestir de roxo,
Da côr mais triste que houver,
Para mostrar sentimento
A quem me chama cruel.

Menina não vista branco,
Que o branco logo se suja,
Vista amarello, côr d'ouro,
E' agora o que se usa.

Não sei que mal fiz ao sol,
Que não vem á minha rua,
Hei de me vestir de branco,
Que de branco veste a lua.

Hei de me vestir de branco,
Côr de rosa é ternura;
Já fui amada d'um anjo,
Sempre Deus me deu ventura.

E' tão certo o eu amar-te
Como o branco firme ser,
Hei de deixar de te amar
Quando o branco a côr perder.

Aqui tens este raminho
Atado com linha branca,
Não o quiz atar com seda,
Que a linha branca é esp'rança.

Muito bem diz o preto
Ao pé do branco lavado;
Muito brilha uma menina
Ao pé do seu namorado!

Dizem que o preto é luto,
Eu acho que é gravidade;
Deixa-te andar, meu amor,
Que andas á minha vontade.

Dizem que o preto é luto
Pela sua escuridão,
O encarnado alegria,
O roxo terna paixão.

Dizem que o preto é luto,
Gala lhe chamarei eu,
Que de preto anda vestido
Um amor que Deus me deu.

Dizem que o preto é feio,
O preto é ma linda côr,
O preto é com que eu escrevo
Cartas ao meu lindo amor.

Andas vestida de luto,
E' côr da honestidade,
Andas ao gosto do mundo,
Tambem á minha vontade.

Quem diz que o preto é firme
Bem pouco entende de côres.

Já amei uns olhos pretos,
Logo me foram traídores.

"Stás bem de preto,
Se não fosse dó,
Paciência, amor,
E' um anno só.

Quem disser que o verde é feio,
Hei de lhe dizer que mente,
Não ha cravo, não ha rosa,
Aonde o verde não entre.

Dizes que o verde é esp'rança,
Amor, bem te tenho esp'rado,
O encarnado é vingança,
Amor, bem te tens vingado.

O verde dizem que é esp'rança,
Vingativo o amarelo,
Eu não te amo por vingança,
Mas sim pelo que te quero.

Deste-me azul, é ciume,
Não soubestes escolher,
Da-me roxo, côr do lirio,
Significa o bem querer.

Deste-me azul, que é ciume,
Não soubestes escolher;
Deixaste-me a mim por outra,
Inda te has de arrepender.

Fitas azues são ciumes,
Nada tenho de ciosa;
As tuas ingratidões
Fazem-me mostrar queixosa.

Olhos azues são ciumes,
Os meus olhos azues são,
Tenho ciume nos olhos,
Firmeza no coração.

Andas vestida de azul,
Andas á honestidade,
E' a côr que dá ao mundo
O signal da virgindade.

CONCEITO POPULAR DE SALOMÃO

(Cantigas alemtejanas)

Sabio era Salomão,
C'o mesmo saber errou,
Mais força tinha Sansão
E a mesma força o matou.

Salomão, como entendido,
Deu-me um conselho afamado:
Que não fosse intrometido
Onde não seja chamado.

Quem houver de dar combate
A' minha imaginação,
Deve ter memoria de arte,
O saber de Salomão.

Para sabio Salomão,
Para discreto Jacó,
Para força só Sansão,
Para propheta Nembró.

Para sabio Salomão,
Para alegria Jacó,
Para força só Sansão,
Para paciencia Jó.

Para encantos Medêa,
Salomão para juízo,
Para adorar Sant'Olaia,
Para pintar S. Narciso.

Algum dia Salomão
Andava de madrugada;
A rosa enquanto é botão
De todos é estimada.

Algum dia Salomão
Deu esta palavra acertada:
A rosa em quanto é botão
Dos homeas é cubiçada.

Algum dia Salomão
Andava por este mundo;
Ninguém se metta comigo,
Que sou Salomão segundo.

O jardim de Salomão
Tem cravos na galeria,
Das varias flores que são
Nem eu lhe sei a quantia.

Salomão, no oriente,
Por muito saber, errou,
Bem como o homem valente,
A mesma força o matou.

JANEIRAS, OU OS SANTOS REIS

I

Chegaram os tres Reis magos
Aos portaes de Belem,
Off'recer suas offertas,
Cônforme cada um tem:
Oiro, incenso e mirra
São offertas de Rei menino;
Eu vos offereço junto ao portal,
Offereço-vos *sêta*, crôa e mirra,
como mortal;
Eu vos offereço, Senhora,
Offêrta ao vosso menino,
Offereço-vos *sêta*, crôa e incenso,
como divino;
Eu vos offereço, menino,
Junto ao portal de Belem,
Offereço-vos crôa, *sêta* e oiro,
como Rei.
Chegaram os tres Reis magos
Da parte do Oriente,
Visitar o Deus Menino
Como rei omnipotente,
Levanta-te pomba branca,
Do logar de onde estaes,
E vinde a dar a esmola
Por alma de mães e paes.

{Elvas}

II

Recordae, bellos senhores,
De um descuido tão notorio,
Ouví vozes e clamores
Das almas do purgatorio.

Apagae a chamma activa
Que soffremos com afflicção,
Se vós apagar podeis
Com esmola e oração.

Nós por vós a Deus rogámos
Não caiam na mesma *sena*, (sina)
Que vos leve ao paraizo
E vos livre de eterna pena.

Se é que na gloria quereis entrar,
Que aos bons está promettida,
Deveis hoje remediar
Ao almas da outra vida.

Vós que ouvís a minha voz
Tenhas as glorias infinitas,
A esmola não é p'ra nós,
E' para as almas bemditas.

{Furoueuha}

RIMAS POPULARES

Regra dos Padres da Companhia

Tres e de cada vez tres,
Sete cada noite,
Uma cada mez.

Tres refeições ao dia e tres copos
de vinho a cada refeição, sete horas
de dormida, e uma confissão por
mez.

Os Padres da Graça

Os padres da Graça
Tem uma cabaça,
Bebem á coia,
Bebem ao jantar,
P'ra se embebedar.

Os leigos de S. Domingos

- Quem ha de cavar a vinha?
 —Nós, nós, nós.
 —Quem ha de beber o vinho?
 —Vós, vós, vós.

Diziam os leigos dos frades de S. Domingos, quando cantavam no côro.

A villa de Mafra

Muita chuva, muito frio e muito vento,
 Uma igreja, uma praça e um convento.

Coxo mandinga

Coxo mandinga,
 Com quatro não pode,
 Com cinco respinga.

(Recolhidos em Elvas)

MISCELLANEA FOLKLORICA

I

O imposto dos pardaes

Em 10 de maio de 1670 a vereação do concelho d'Elvas impoz a cada morador o tributo de seis cabeças de pardaes, com pena de 500 reis, «para se evitar o grande dano que fazem os pardaes nas searas de trigo e cevada» —tributo que deveria ser pago até 30 do referido mez.

II

Lutos

Os que se mandaram dar aos officiaes de Guerra e da Vedoria e Contadoria geraes pela morte de el-rei D. Affonso VI foi de baêta virada do aves-

so, na forma da pragmatica.

(Ordem de S. Magestade do anno de 1683).

III

Lenda

Os monges de S. Jeronymo do mosteiro de Penhalonga, em Sintra, contavam que numa das paredes do refeitório se via pintado o retrato de el rei D. Sebastião, e que estando um dia á mesa toda a Communidade, se sentira um grande estrondo, abriera a parede, e se desfizera o retrato. Poucos dias depois chegava a noticia do desastre d'Alcacer-Quibir, onde D. Sebastião perdeu a vida.

IV

O casamento na Índia

Onde um europeu pode analisar, de perto, as particularidades de tal acto (o casamento) é nas aldeias (da India), nesses recantos paradisiacos, cheios de bom ar e de frescura, onde não chegou essa corrente que avassalla e derruba tudo o que seja indiano, só pelo prurido de fazer desapparecer esse pouco que ainda nos recorda, embora pallidamente, as antigas simplicidades orientaes.

.....
 Depois da accetção da proposta (do casamento) procede-se «á cerimonia do annel», que consiste ordinariamente em a familia mandar a casa do noivo uma caixinha de vidro, contendo uma cadeia, relógio e annel d'ouro, algumas libras, e uma imagensita do Deus-Menino chuchando no dedinho e trasendo na cinturinha de marfim uma cadeia finissima.

Este primeiro mimo symbolico da noiva é levado, por um membro da familia, de casa em casa pela vizinhança inteira, com uma participacção do casamento.

(Portugal em Africa, 15.º anno, n.º 177, de 7 de maio de 1908).

V

Rua de D. Gil Annes, em Lisboa

Conforme um antigo *Nobiliario* (*Memorias Genealogicas da Casa dos Vasconcellos d'Elvas*, tom. VI, fl. 3), esta rua foi feita por D. Gil Annes da Costa, pagem de campanha de el rei D. Manoel, e que alcançou os reinados de D. João III e de D. Sebastião. Vou copiar o respectivo trecho:

«D. Gil Annes da Costa filho 1.º de D. Alvaro da Costa, ficou mal herdado porque elle puxou para seu filho segundo D. Duarte toda a fazenda que poude deixar lhe. Foy pagem da campanha del Rey D. Manoel, principiou a mostrar espiritos eminentes, foy muito asento d'El Rey D. João o 3.º que o nomio Embaxador ao Emperador Carlos 5.º, e com elle assistio cinco annos em Alemanha eó grande satisfação de ambos os Princes; donde voltou por Roma e ali tratou grandes neg.ºs com o papa Paulo 3.º. Chegado a este Reyno o fez o mesmo Rey Vedor da Princeza D. Joanna: morto El-Rey D. João o 3.º pasou a Cast.ª a tratar com o Emperador da regencia e successão deste Reyno, e na 1.ª audiencia mandando-o cobrir, lhe disse que não era Embaxador, mas Inviado: continuou Carlos: Cobri-os, que sois siempre para mi más que Embaxador.

Voltou para sua caza donde o chamou a Rainha D. C.ª para vedor da faz.ª e do conselho de Estado: porem velho largou todos estes empregos e se retirou para a sua quinta de Pernes, deixando a sua caza muy acrescentada e a engrosou m.º em fazenda. Foi grãde edificador, fez em Lisboa a rua de D. Gil Annes, e em Santarem reedificou as cazas que hoje são de morgado».

VI

Cantiga popularisada

Na tradição oral corre a seguinte quadra:

Pergunto a quem sabe amar,
Qual é mais para sentir?

Se é amar, vivendo ausente,
Se é ver e não possuir.

Não é de origem popular esta cantiga, mas sim popularisada, Entre uns manuseritos antigos, que ultimamente vierão ás mãos, encontrei estes versos, reconhecidamente litterarios:

Pergunto a quem sabe amar,
Qual é mais para sentir,
Se é amar vivendo ausente,
Se é ver e não possuir.

Se é amar vivendo ausente,
A ausencia pode acabar,
E a constancia nos amantes
Pode ditas preparar.

Se é ver e não possuir,
E' o fado o mais mofino,
E' da sorte atroz sentença,
E' força de mão destino.

VII

O costume

«Eis, um caso acontecido numa terra do ridente Algarve, por onde se pode bem avaliar o poderio do costume:

«Quando se fazia a procissão de Passos, que era annual, procissão que recolhia já de noite, os membros da confraria que traziam os brandões accesos, apagavam-nos ao entrar na igreja, esfregando-os de encontro às paredes do templo, que, como de *costume*, tinham sido caídas de vespera e respaldenciam de alvura, mas que depois ficavam enfarruscadas e assim se conservavam todo o anno, porque o *costume* só era cair a igreja nas vesperras da procissão.

Um administrador do concelho entendeu e com muita razão acabar com a porca costumeira, mas para o conseguir teve de requisitar avultada força militar, que formou um cordão em volta do templo e prohibiu a esfregação das tochas nas paredes. Houve desobedientes e alguns, e não poucos, foram presos por teimarem no vandalismo. Interrogados na administração sobre o que mo-

tivara a desobediencia ás ordens recebidas, allegaram como desculpa que—
o mè avó já esmurrou alli n'aquelle parede, mè pae tambem, antão tambem eu tinha o dirét) de esmurrar!!!

Tal é a força do costume.»

O Jornal de Estremoz, de
 29 de Abril de 1911.

VIII

Nozes na celebração das bodas

Como aquella gentildade tivesse que as nozes estavam na proceção de Jupiter, chamando-lhe *Juglandes*, quasi *Jovis glandes*, diz Varro, que por isso se derramavam na celebração das bodas em sinal de bom agouro; e derramavam-se no tempo de consummar o matrimonio, para que os moços occupados em as colher, fizessem com ellas grande estrondo: *Ne cor puelle virginitatem de jonentis, possset audiri.*

Leonel da Costa. *As Eclo-
 gas e Georgicas de Vergilio.*
 p. 342.

IX

Superstições

«Por estarmos informados-que ha m.^{tas} pessoas nesta Villa que curam com benções, e palavras de males que chamão de olho, ou da Lua, e ainda de nãcidos, erizipela e feridas, e outros achaques o que não só he superstiçao manifesta, mas perigo de pacto com o Demouio, mandamos que nenhuma pessoa use de semelhante modo de curar, com pena de excommunham mayor. e de 15 cruzados applicados p.^a o acuzador, meirinho, e fabrica desta Igreja.»

(Capitulos da visita do
 Bispo d'Elvas D. Frei Vale-
 rio de Sam Raymundo fei-

ta á Igreja Matriz da Villa de Barbacena em 26 de mayo de 1684 (Archivo da Camara Ecclesiastica d'Elvas).

X

Algumas das antigas posturas da Camara Municipal do con- celho de Monforte

- a) «Todo o official de officio mecanico, ou trabalhador, que for achado nos dias de semana jogando a bolla, pagará de coima dusentos reis.
- b) Toda a pessoa que das janellas lancar agoa na rua antes das dez horas da noite, de inverno, e de verão antes das onze, sem diser em vós alta «agoa vai», pagará de multa cem reis.
- c) Todas as pessoas desta Villa, nos sabados, e vesperas de dias santos de preceito, varrerão suas ruas, sob pena de dusentos reis.
- d) Toda a pessoa que engordar mais de dez porcos n'esta Freguezia é obrigada a vir fazer feira, todos os annos uma vez pelo menos, antes do entru-do, sob pena de dois mil reis.
- e) Toda a pessoa d'esta Villa, que tiver gallinhas, lhe cortará as asas, para não entrarem nos farregiaes semeados, e tapados, sob pena de lhe serem mortas quando ahi forem encontradas, ou de pagarem os donos dellas, por cada uma cincoenta reis.
- f) Toda a pessoa que der de beber ás cavalgadas com couxes, ou caldeiros, tirando agua das fontes d'esta villa mettendo os couxes, ou caldeiros, nas mesmas, pagará quinientos reis.
- g) Todo o cão que fôr encontrado nas vinhas sem chocalho, em tempo de novidade, pagará de coima o dono dusentos reis.
- h) Todo o ortelão que trouxer ortas junto á ribeira, d'esta Villa, e que não apresentar na Camara, na vespera do dia de Corpo de Dees uma carga de espadana, pagará de coima mil reis.

- i) Todos os chefes de familia são obrigados a pagar na Camara seis cabeças de pardal no praso de sessenta dias, que serão contados desde o primeiro de Fevereiro até trinta e um de Março de cada anno.
- j) Os habitantes das Freguezias do Concelho são obrigados a varrerem todos os sabados o terreno que lhes ficar em frente das suas habitações, em tanta distancia, quanto a que d'ellas distar até ao meio da rua se os predios fronteiros estiverem tambem abitados, porque não estando, serão obrigados a varrerem todo o terreno que lhe ficar em frente das mesmas, sob pena do quinhentos reis».

A. THOMAZ PIRES.

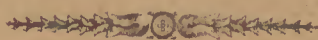
ONOMASTICO POPULAR ELVENSE

Alcunhas

Agua-assada	Borda d'agua	Cantigas	Gazellas .
Alcornoque	Bóta-fole	Cara-branca	Gangas
Alturas	Beicana	Cara-linda	Grazina
Arranhado	Beicinha	Cara-pellada	Guerrilha
Arrebenta	Beijocas	Carapinha	Jantarêta
Bábau	Bêlvé	Caras-altas	Jantarão
Báirúm	Branca-flor	Carona	Lagartixa
Bajola	Cabeçana	Carrapacho	Lagarto
Baiatuta	Cabelleirinha	Carrêtas	Lagoaça
Baléca	Cachaça	Carricho	Labucha
Balhão	Cachapa	Carronha	Lambiza
Balsinhas	Cachapim	Cartaxinho	Lamboque
Bandarrinha	Café de <i>dêrreis</i>	Catarrilhas	Lároca
Barriga de estopa	Caga-libras	Catrapuz	Lasca
Barroca	Caganêta	Cavallo cançado	Lavadelas
Basófiás	Cagarrêta	Ceguêlas	Lavadinho
Batuca	Caguêtas	Chapeu de ferro	Lavaredas
Bebe-agua	Caguinças	Chinita	Magarreiro
Beicinha	Calcinha-branca	Chirandél	Managil
Bimba-a-mala	Calcinhas	Côcô	Manaia
Bolacha	Canario	Congochas	Manicaca
Bolas de sebo	Caneco	Corre-corre	Mata-fome
Bôlinhas	Cangochas	Corricas	Mau-chapeu
Boniniquim	Cannella-fina	Cuco	Mau-dente
		Cuécas	Mau-pello
		Dentóla	Meia-nalga
		Derreado	Mil-homens
		Direitinho	Misèrinha
		Escarancha	Mocho-real
		Escarpeado	Nàrran
		Espiguinha	Nicas
		Estragado	Nico
		Estrompa	Nôitibó
		Fanico	Nu
		Faróla	Olhinho-verde
		Fava-rica	Olho-de-boi
		Faz-fartura	Pae das fadigas
		Gadanha	Pae do ceo
		Galapito	Pae-meu
		Gallarixa	Padre-racha
		Galguinho	Padre-santo
		Galhabanas	Painho
		Galhanas	Panaças
		Galhofas	Pança
		Gallinhas	Pão-finto
		Gambilhas	Papa-fina
		Gambutas	Papa-moscas

Papa-nabos	Queixo-quebrado
Pardal	Quer-casar
Paródia	Quarta-feira
Parracha	Quinta-feira
Parrandeiro	Rana
Parrulas	Ranita
Pasádas	Rateira
Passadas	Realista
Passarão	Rêtêté
Passarinho	Riça
Pataca	Roda-montes
Patacoia	Sabe-tudo
Pata-coxa	Saca-pelloiros
Patalica	Salas
Patêca	Salgadinho
Patorra	Salta-pocinhas
Patronilha	Sarôco
Pau-fino	Segoêlhas
Pau-preto	Sereno
Pau-real	Sete-e-cinco
Pau-torto	Sete-mulheres
Pê-apanhado	Soalheiras
Pê-curto	Sol-posto
Pê-leve	Só-visto
Pê de perdiz	Sô-um
Pê-pesado	Taça de prata
Perna-fidalga	Tairocas
Pésinho	Tarana
Pelles	Taranta
Pencudo	Terrinca
Penninha-verde	Tê-tê
Perdilhão	Tim-tim
Perninha	Tinge
Picanheira	Torreca
Picarella	Trinta-botões
Pila-farellos	Vida-alegre
Pingalho	Véstias
Pingarilho	Xifarote
Pinguichas	Zabumba
Pintasilgo	Zarôlho
Pisa-flores	Zarunza
Poejo	Zê dos callos
Poiras	Zê da villa
Polainas	Zê-zê
Porrinhas	Zina.
Presilhas	
Primavera	

(Elyas)



OLHARAPOS E OLHAPINS

Estas palavras designam na tradição popular portuguesa certos seres sobrenaturaes: homens diferentes de nós, antropophagos, com um só olho no meio da testa, e habitadores de um país longinquo.—Vid. *Trad. pop. de Portugal*, p. 273.

A crença nestes seres é não só muito espalhada, mas muito antiga, pois com ella se relaciona a dos Cyclôpes gregos. Entre a antiguidade e o presente temos a litteratura medieval, que nos falla de gigantes com um só olho na fronte: cfr. Langlois, *Connaissance de la nature*, pag. 82 e 213.

Olharapo usa-se, por exemplo, na Beira, e *olhapim* no Minho. Supponho que a primeira palavra se decompõe em *olh-ar-apo*, isto é, lat. *ocularis* + suffixo *-apo*; e a segunda em *olh-ap-im*. O suffixo *-apo* ou *-ap-* é raro, mas apparece tambem em *fiapo*, de *fi*; o suffixo *-im* é diminutivo, como em *espadim*, *patim*.—Outras linguas tem palavras analogas, tambem com suffixos raros, como raro é o personagem: por exemplo hespanhol dialectal *oñaucaño* e *oñauco*. (Pidal in *Festgabe f. Mussafia*, p. 392, e Mugica, *Dialectos*, p. 33), e piemontês *occiuan* (Prato, *Gli ultimi lavori folkli.*, p. 8); em italiano corrente ha *occhiaro*, e *occhiaccio* «olho grande».

J. LEITE DE VASCONCELLOS



A PASSAGEM PELO VIME

Quando ao cair da tarde da vespera do dia da S. João cheguei á Horta dos Vimes, recebi, entre as sensacionaes noticias do dia, taes como: um roubo de gallinhas; uma rapariga que apparecera no seu estado interessante, e uma troca de pauladas na taberna do Maltez, a de que n'essa noite se realisaria ali, na Horta, a cerimonia da *passagem pelo vime*.

Foi esta noticia a que me despertou maior interesse.

Podos os annos, na noite de S. João, tinha lugar esta cerimonia que a creença popular preconisa como um bom remedio para a cura de creanças rendidas, mas nunca a tinha presenciado, motivo por que me dispuz logo a não perder de vista esta curiosa solemnidade.

Por isso, depois de dar a volta do costume pelas ruas de ALENQUER, espalhar abraços pelos meus queridos patricios e amigos, visitar o arraial das Aguas, onde me detive em agradabilissima palestra com o meu presado amigo Campeão, e admirar mais uma vez a elegancia e formosura das minhas gentis patricias, regresssei á Horta e ao sitio escolhido para o acto—um renque de vimeiros junto ao tanque.

Não esperei muito. Approximava-se a meia noite quando por entre o arvorelo brilhou a luz d'uma lanterna, e um numeroso grupo d'homens e mulheres, avançou para os vimeiros, acercando-se de um d'estas arvores de troncos mais lin-

Em seguida, um sugeito, chefe

do grupo, uma especie de mestre de ceremonias, escolheu um dos troncos do vimeiro e com uma navalha rachou-o, collocando de um lado do vime duas Marias, raparigas menores, e do outro lado um João, rapaz tambem menor.

Uma das raparigas, de roca á cinta, começou a fiar linho.

O grupo conserva-se silencioso, n'uma attitude devota e recolhida esperando a meia noite.

Por momentos a creança choramingava, e logo de todos os labios sahiam prolongados *chius*, cahindo tudo de novo em silencio, só perturbado pelas rãs e pela queda da agua do tanque.

Quando o relógio da torre da igreja de S. Francisco bateu a ultima badalada da meia noite o chefe do grupo fez um signal, e a Maria que se conservava imovel emquanto a outra fiava, recebeu nos braços a creança, passando-a atravez do vime ao João, pronunciando as seguintes palavras rituaes:

—João, toma lá o meu menino doente e dá-m'o para cá são.

Ao que o João, devolvendo a creança tambem atravez do vime, respondeu:

—Em louvor de S. João, deste-me o teu menino doente toma-o lá são.

Este acto repeliu-se tres vezes.

A seguir rasgaram a camisa da creança em tiras e com ellas molhadas em mel ligaram o vime, apertando-o com o fio de linho fiado pela rapariga durante esta solemnidade.

O grupo retirou pela mesma ordem por que tinha chegado, crente de que, se o ramo sejar, a creança se não curará, mas se, pelo contrar-

rio, o vime soldar e continuar viçoso, a creança ficará boa. (1)

Acompanhei o grupo até ao portão, e quando elle desapareceu na curva da estrada, no alto do olival, fui para o alegrete florido, sobranceiro á estrada.

*

*

*

A noite estava deliciosa, uma verdadeira noite de verão estréllada e calma. A via lactea no azul escuro era como que uma poeira de prata. Os pyrilampos picavam com a sua luz baça as sombras do pomar, e dos macissos de cravos, das madresilvas e de toda a vegetação exuberante elevavam-se perumes que embalsamavam o ar.

Rente ao muro do alegrete deslissavam pares de namorados, muito unidos, passo lento, em idyllo amoroso.

Com o declinar da noite as festas no campo perdiam a sua intensidade.

Os clarões das fogueiras esbatiam-se pouco a pouco. Do logar do Camarnal, e de diversas quintas, subiam os ultimos foguetes; do Pedrogão e das Paredes vinham rumores de hailes campestres e de *harmoniums*, e da villa uns vagos sons de trombone e cornetim.

Mais ao longe, na estrada do Car-

(1)—No fim de setembro encontrei no caminho da Chennita a mãe da creança que regressava da feira de S. Miguel.

Perguntando-lhe pelo filho e pela cerimonia da noite de S. João, disse-me a sorrir, jubilosa:

—Está bom! está tão!—e accrescentou um leve tom de ceasaria:

—Ora veja lá sr. Carvalho, ha por ahí gente que diz que aquillo não serve p'ra nada! Vejam o meu menino! Vejam o meu menino!

regado, um carro puxado a bois chiava tristemente.

Sentei-me no banco de verga, sob o parreiral e loureiros, onde costumava passar as sestas, e, sempre debaixo da impressão do acto que acabava de presenciar, o meu pensamento voou para os tempos remotos, para as religiões e para os costumes dos povos primitivos.

Afinal e que era esta cerimonia que aquella credula gente do logar das Paredes acabava de praticar?

Simplemente um vestigio do culto das *arvores*, culto naturalista aryano, filiado no culto solar.

Estavamos no solsticio do verão, quando o sol attinge a plena manifestação da sua força creadora, e era n'este tempo que os povos celebravam em maior grau a vitalidade do fecundador sol, commemorando ao mesmo tempo a sua entrada na triste peregrinação do inverno, porque, como se sabe, o sol é a base de todas as religiões.

Para os homens primitivos—dizem os historiadores—o sol era o Deus revelado, e por elles temido e implorado, constituindo o thema das suas orações e resas. E assim tinha de ser.

O sol é que predigalisa a luz, a vida e a fecundidade.

Para elles o dia era a alegria de ver e de sentir; a noite, as trevas, a morte.

Temiam a approximação do crepusculo, e aguardavam ansiosos a volta d'esse Deus que lhes dava a faculdade de viver.

Mais tarde as idéas confusas que tinham d'este bello astro convertiram-n'as em imagens, personificaram-n'as, e assim foram apparecendo as figuras de Sarya, Savitri, Mi-

thra, Osiris, Atys, Adonis, Budha e Christo.

Pelo decorrer dos tempos a humanidade experimentou a necessidade de medianeiros entre a sua alma e o astro creador, e encheu o ceo e a terra de divindades.

As arvores passaram a ter um culto e, tanto na mythologia indú como na grega, apparecem divindades que residiam nas arvores.

Plinio, referindo-se a este culto, dizia que as arvores foram os templos das divindades, e que os camponezes, em virtude de um rito antigo, consagravam aos deuses as melhores arvores.

A cerimonia da *passagem pelo vim*, muito vulgar entre nós, em toda a Europa e no oriente, é pois um vestigio do culto da arvore, sendo tambem, segundo o historiadór H. Galdoz, um principio de magia para transferir a doença de um para outro lado.

No nosso paiz a cerimonia realisa-se com algumas modificações.

Assim, no Porto, a creança é levada pelo padrinho e pela madrinha ao pé de um ramo de carvalho e trocam as seguintes palavras:

—Aqui tens o teu afilhado, que me dizem ter quebrado.

—Eu que o recebo são e salvo, como na hora em que foi nado.

Em Coimbra a creança é tambem passada por um ramo de carvalho e em Traz-os-Montes e no resto do paiz, como em Alemquer, com pequenas alterações nas palavras rituaes.

*

* *

Não foi, porém, só n'esta cerimonia que eu via n'aquella noite vestigios do culto solar.

Os fogos d'artificio, essas fitas de fogo que rasgavam o espaço em *zigs-zags*, e as fogueiras, eram outras tantas manifestações em louvor do sol.

Umás raparigas que n'aquelle momento lavavam o rosto no chariz ali proximo, e outras que se dirigiam á fonte do Pucarinho para o mesmo fim, praticavam, levadas pela tradição, a cerimonia do culto das *Fontes*.

Este culto, tambem aryano, é extremamente poetico, cheio de divindades femininas, a quem o povo hoje chama *moiras encantadas*. tinha, entre outras solemnidades, a das mulheres se reunirem, coroadas de flôres, pelo solsticio do verão, á borda dos ribeiros e das fontes, ajoelharem e immergirem as mãos e os braços na agua, murmurando palavras supersticiosas, na fé de que com a ablução d'esse dia a agua levasse todos os males.

Para os nossos avós, os velhos arya, a agua era a mãe dos seres, servia para as abluções do corpo e da alma, e curava da doença e da culpa.

A igreja catholica transformou este culto em *fontes santas e aguas bentas*.

E as minhas gentis patricias que, com o bochecho d'agua esperavam, na mesma hora, no peitoral das janellas, ouvir um nome, ou deitavam no bortalho das fogueiras uma moeda de dez réis para a dar a um pobre, cujo nome seria o do seu futuro marido, e outras que expunham ao orvalho as alcachofras queimadas nas fogueiras, esperando anciosas que ellas de manhã apparecessem floridas, celebravam cultos phallicos e hetairistas do Deus do

Amor e da Deusa Annah, fundidos no culto do sol, cultos de origem remotissima, anteriores á época babilónica, e de onde sahiram as superstições da magia e dos philtros amorosos, e as lendas dos satyros e do Dom João, o heroico conquistador de mulheres.

A alcachofra era a imagem symbolica do sol fecundador, que se queimava nas pyras eneanas orientaes, nas festas das Sakkea. A chama da fogueira, uma representação symbolica do abrasador sol, possuindo o poder magico das revelações do amor.

E, até o *salto das fogueiras*, esse alegre costume dos rapazes e das raparigas, é o vestigio de um culto phallico do povo semita, cujo symbolo existia n'um templo em Carthago,

E com que saudade eu hoje recordo o tempo em que praticava tambem com enthusiasmo este culto!

A igreja catholica, não podendo banir estes costumes da alma do povo, santificou-os com o nome de S. João, apresentando a sua imagem com um cordeiro, que o symbolo do Deus sol Atys, — *Agnus* o cordeiro, que subsiste na igreja principalmente sobre o sacrario no qual guarda um sol de ouro ou prata, a custodia— e revestindo o santo de um aspecto e de lendas, que os historiadores reconhecem n'ellas similhaça com os cultos amorosos e sensuaes eneanos e hetairistas, a começar pelo nome de Elisabeth, mãe do santo, que é uma decomposição de Elissa-Bet nome do templo da Deusa do Amor que tambem existia em Carthago, e João com Zoganes, Joanes, filho do templo da mesma deusa.

*

* *

Continuando a mergulhar o espirito n'esses tempos remotos via, como n'um sonho, surgir na India entre os brahmanes, sete seculos antes de Christo, a figura lendaria de Budha, um mytho solar, nascido no solsticio de inverno em 25 de dezembro; quando os dias são pequenos, o sol está infante, *menino*, cresce aparentemente e começa a annunciar a primavera, filho da Virgem mãe *Maya*, personificação da potencia productora sob a forma feminina, que ficou virgem depois do parto.

Maya concebe miraculosamente depois de purificada de toda a culpa terrena, e a seu marido que se mostra preocupado, os brahmares explicam-lhe o mysterio da gravidez de *Maya*, dizendo que seu filho espalhará a luz no Universo.

Budha era um reformador que fazia milagres; prégava contra os poderosos, contra o regimen das castas e sacrificios sangrentos; proclamava a egualdade e fraternidade humana, o amor pelos infelizes, a caridade, a abnegação, a liberdade e o o desinteresse.

Esta religião, que tinha imagens, conventos, sinos, agua benta, cinza e o dogma da eucharistia composto de um bolo de farinha e manteiga e do licor alcoolico, *soma*, produzido pelo succo da asclepcia acida, é ainda hoje, apesar de corrompida, a mais espalhada pelo Universo, pois conta 470 milhões de crentes, emquanto as religiões catholica e protestante têm 310 milhões.

Via em Roma a festa do Natal do culto persa Mithra, o Deus da Luz, *Natalis soli invicti* que nasce

no solstício de inverno em 22 de dezembro, quando o sol começa a anunciar a primavera, dádo á luz por uma Virgem Mãe, que fica virgem depois do parto, Virgem Aurora, sempre pura mesmo depois de ter dado nascimento ao sol.

Mithra nascia n'uma gruta, cercado de presepios, de animaes domesticos, e adorado pelos magos, os adoradores do fogo, e o seu culto tinha sacramentos, baptismo, penitencias, eucharistia, benções, corôa de martyrio, consagração da virgindade, anjos bons e maus, penas e recompensas, cirio paschal e imagens.

Via no Egypto as festas do nascimento de Osiris, o Deus Sol, celebrado no fim de dezembro, quando as forças beneficidas do calor vencem as forças maleficas do frio do inverno.

Os phenicios festejarem no mesmo dia o nascimento do Deus Adonis, o sol deificado; os phrygios, o sol Atys, agnus o cordeiro, e todos estes jovens deuses solares morriam prematuramente no solstício da primavera, no fim de março, e resuscitavam tres dias depois, quando o sol faz passagem para o solstício de verão, concepção mythica da alternativa das victorias da noite sobre o dia e do dia sobre a noite, e d'esta successão de actividade e de repouso da terra submettida á acção do sol, phenómenos annuaes descriptos no estylo allegorico sob a forma tragica da paixão, crucifixamentos, dilaceração, e por fim resurreição.

Atys era representado na sua paixão por um mancebo amarrado a uma arvore e ao pé o cordeiro, como emblema do signo equinoxial da primavera.

Os deuses eram chorados lugu-

brenemente pelas deusas Isis, Cybele e Astarte, conduzidos de noite ao sepulchro em esquifes e deitados sobre sudarios pelos magos, com canticos funebres, e acompanhados por mulheres desgrenhadas em lamentações e delirios religiosos.

A resurreição era celebrada com manifestações de alegria durante trez dias, as celebres festas hilarias que symbolisavam o triumpho do sol sobre as noites grandes.

A seguir no mez de maio, o mez das flôres, as poeticas festas dos gregos á divindade Derketo, symbolisando o consorcio do sol com a terra.

Em Roma as festas a Venus e a Ceres, com as famosas procissões da *Madonna d'ell'arco* aos campos, festejando com banquetes e saudações, as arvores, as cearas, as fructas e as flôres. E no mesmo mez, a celebre festa *Floralia*, em que a divindade *Mãe dos Amores*, em pleno campo, á sombra das arvores, entre flôres, dictava as suas leis amorosas aos rapazas e raparigas, que, coroadas de flôres, cantavam em côro e corriam pelos campos durante trez dias e trez noites, repousando em barracas de myrtos verdejantes.

*

* * *

Muito tempo depois via em Roma o Christianismo, formado com doutrinas d'estas religiões pela plebe, em sociedades secretas de escravos e associações operarias de beneficencia, passar directamente para o seu culto o cerimonial do natal do Deus Mithra, o Deus da Luz *Natalis soli invicti*, com todo o scenario de presepios, jumentos e magos, e apropriar-se dos seus ritos liturgicos e mysterios dogmaticos.

Assimilhar ás suas endoenças a paixão e resurreição dos deuses solares. Transformar o culto da Virgem Mãe no da Virgem Maria, e os symbolos dos outros cultos em imagens dos seus santos.

E, logo que se achou forte, empolgado pelos doutores e reconhecido oficialmente como religião do estado, devido a um cambalaxo politico com o imperador Constantino, tornar-se aristocrata, politica, perseguidora, guerreando os cultos e lendas de que se não apropriara, inventando a palavra *paganismo* para os caracterisar e condemnar.

Via S. Eloy no seculo VII aconselhar os povos para que nas festas de S. João, e de outros santos, *não se fizesse caso do sol*.

O papa Gregorio III prohibir os sacrificios ás *arvores* e ás *fontes*.

A inquisição queimar em 1630, em Vizeu, duas mulheres accusadas de *praticas diabolicas*, por conduzirem, debaixo do nome de *mestras* os enfermos ao rio, passando-os tres vezes pela agua dizendo palavras supersticiosas, não passando decerto pelo espirito d'aquellas victimas, quando morriam entre terriveis martyrios, que mais tarde os descendentes dos seus algozes explorariam os crentes com a agua de Lourdes, que outra coisa não é mais do que uma transformação do culto das *fontes*, culto aryano.

Via a lucta feroz contra todos os cultos, lendas, superstições, hereses e feiticeiros, mas via tambem que as crenças n'essas religiões e lendas estavam tão arreigadas na alma dos povos que nunca puderam ser extinctas, reaparecendo nas imagens, nas festas e nas superstições, conservando-as atravez de seculos e arrastando-as até nós, como

acabavam de demonstrar aquellos crentes do logar das Paredes, praticando uma das cerimonias do culto da arvore.

E' que a tendencia fatal da raça é uma coisa superior ás leis, aos reis e aos papas.

Por fim, divagando sempre sobre estes extraordinarios factos historicos, senti-me invadido por um dôce torpôr e recostei-me no banco dominado pelo somno.

Passado tempo fui bruscamente despertado por uns ruidosos foliões que regressavam dos bailes campestres, sapateando pela estrada fóra n'um alarido de explosões de bombas, toques de *harmonium* e cantigas á dssgarrada.

O Bernardino, o caseiro, appareceu sorridente, admirado da minha *noitada* passada ali no banco. Entretanto amanhecia.

Immensa vaga de carmim se entornara pelo ceo. A igreja de Villa Nova e os montes das charnecas das quintas do Campo e da Marqueza colloriram-se nos seus tons variegados e quentes. As casas brancas das quintas e dos casacs, desenhavam-se entre a massa verde dos vinhedos e dos arvoredos, e a tenue neblina que cobria as margens do rio da Varzea dissipava-se lentamente. No ceo, sobre os sangrentos matizes da primeira onda luminosa, appareceram fulgurações côr de ouro e de laranja, e ao longe, no fim da extensa planicie, alem do Tejo, onde a abobada azul se reclina, surgiu o disco rubro do sol, glorioso, n'uma brilhante apothose de luz.

Então da terra sahiram alegres rumores, e dos ninhos e das ramagens das arvores canticos de aves, como uma saudação ao Deus Sol,

creador de todos os seres, de todas as religiões e de todos deuses.

Dezembro, 1908.

J. CARVALHO HENRIQUES.



FOLK-LORE MINHOTO

(*Maximas pop. d'Espozende*)



Malhar em ferro frio.

Boi morto, vacca é.

Malhar em burro morto.

Está o Diabo feito vaca á porta do açougue.

O Diabo tem uma capa com que cobre, e outra com que descobre.

Anda no ar como o balão.

Não dá rego certo.

Burro velho não toma andadura.

Burro vae, burro vem,
De Lisboa a Santarém.

Foi por burro e veio por albarda.

Não ha boa sem *senão*.

Está nas suas sete quintas.

Mais velho que o Diabo.

Santos d'ao pé da porta não fazem milagres.

Quem em novo não faz assim (?), depois de velho anda assim (?).

Tres vezes nove vinte e sete?

Quem matou o cão foi o Baeta.

Quem com diabo cava a vinha, com o diabo a vindima.

Braço ao peito, perna no leito.

Pá-pá-Santa Justa.

Mais velho que Troya.

Mais vale dar que pedir.

Não ha cego que se veja, nem tolo que se conheça.

Quem pensa na casa, não dorme na cama.

Quem ama não duvida.

Canta o pêto é signal de chuva.

Não dês que não peças.

De pedir nunca ninguem é farto.

Velho como a Sé de Braga.

(Continúa)

João do OUTEIRO.



FIM DO XIX VOLUME.

No prélo:

O Folk-lore da Figueira, II vol.

Em publicação:

— *Tradições populares da provincia do Minho*, I, cancionero, por José da Silva Vieira.

A entrar no prélo:

— *Onomastico popular de Espozende*, 2.^a edição, muito augmentada, com todos os alcunhas não entrados na 1.^a referentes a esta villa, e com uma minuciosa colleção de todos os alcunhas referentes ás 15 freguezias de que se compõe este concelho.

— *Linguagem popular de Villa Real*.

— *Tradições populares de Villa Real*.

— *Tradições de Amarante*.

— *Tradições de Penedono*.

— *Tradições do Porto*.

— *Tradições populares de Barcellos*, por A. Gomes Pereira, prof. do Liceu «Rodrigues de Freitas», do Porto.

— *Investigações Ethnographicas*, por Antonio Thomaz Pires.

— *Contribuição para o Dicionario popular da Língua Portuguesa*.

— *Frases feitas*, por Oscar de Prati.

Enviam-se pelo correio estas obras a quem as requisitar mediante o pagamento feito adiantadamente em valle do correio ou notas.

Pedidos ao seu director:

José da Silva Vieira.—ESPOZENDE.

Edições d'esta livraria:

OBRAS LITTERARIAS

De ALVARO PINHEIRO:

Sonancias, versos, 1.^a e 2.^a edição, 1 volume (esgotado) 200 rs.

Amores Perfeitos, versos, 1 volume com o retrato do auctor 500 »

Pétalas, versos, 2.^a edição, correcta e augmentada, com apreciações á 1.^a edição 300 »

De MANOEL VILLAS BOAS:

Croquis, casos vulgares, etc. 1888.

Na Minha Aldeia, (cartas a um curioso) 1902. 300 »

Conversando, cartas a um professor, 1908, prosa 300 »

De VIRIATO D'ALMEIDA:

No Campo, versos, 1905, uma elegante brochura 160 »

REVISTA DO MINHO

publicação quinzenal

para o estudo das tradições populares
dirigida por

José da Silva Vieira

collaborada por todos os folk-loristas
portuguezes e estrangeiros

Assinatura

Anno, Portugal.....600

E-trangeiço..... 1:000

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Empresa da **Revista do Minho** ou ao seu director, **José da Silva Vieira**, —ESPOZENDE.

